

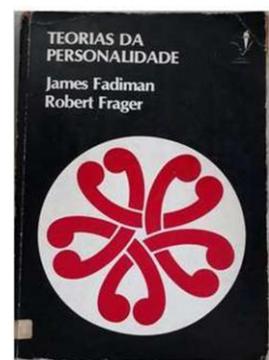
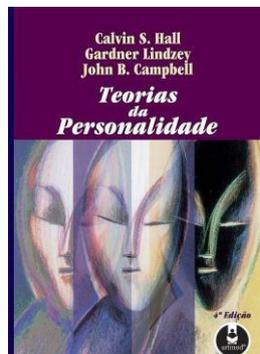
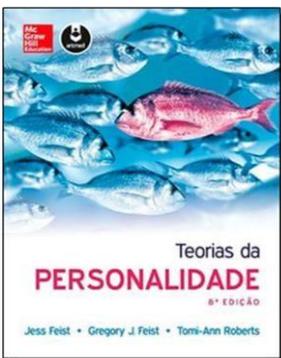
## PSICOLOGIA: PSEUDOCÊNCIA OU O CAOS NA CIÊNCIA?

A **personalidade** é observada no comportamento operacional (ações, atitudes) do indivíduo, e tais comportamentos podem evidenciar transtornos mentais, conflitos existenciais, atitudes disfuncionais, não adaptativas, que são a matéria-prima para o tratamento nas psicoterapias.

Os chamados teóricos da personalidade são os grandes influenciadores dos psicólogos-psicoterapeutas formados nas faculdades de psicologia.

Fizemos um resumo das principais críticas feitas aos teóricos, com base em quatro livros reconhecidos internacionalmente:

1. Teorias da Personalidade, de Jess Feist, Gregory J. Feist e Tomi-Ann Roberts, 8. ed. Artmed, 2015.
2. Teorias da Personalidade, de Hall, Lindzey e Campbell, Artmed, 2007, 4ª edição.
3. Teorias da Personalidade, Schultz, Duane P. Schultz, Sydney Ellen Schultz ; Cengage Learning, 2008.
4. Teorias da Personalidade, James Fadiman, Robert Frager ; HARBRA, 1979.



Foram analisados nos quatro livros os principais teóricos e fundadores da psicologia:

*Freud, Klein, Jung, Adler, Horney, May, Buss, Fromm, Sullivan, Erikson, Murray, Allport, Maslow, Cattell, Eysenck, Kelly, Rogers, Skinner, Dollard e Miller, Bandura, Reich, Perls e James.*

Os autores críticos escreveram sobre a validação científica das hipóteses dos principais teóricos da personalidade.

Os aspectos negativos das teorias são revelados de tal forma pelos autores dos livros citados, que fica insustentável tentar colocar as psicoterapias no patamar de “ciência segura”, exata, para os tratamentos de saúde mental, como se as psicoterapias baseadas em “evidências científicas”, frágeis como são, garantissem a verdade sem macular o trabalho dos psicólogos-psicoterapeutas.

Uma teoria científica não é sinônimo de verdade, o próprio nome diz, TEORIA, um conjunto de pressupostos que permitem aos cientistas utilizarem o raciocínio supostamente lógico para formular hipóteses verificáveis. Pressupostos são especulações a serem testadas e confirmadas. Veremos, no entanto, que o “lógico” é relativo, sofre interferências nas interpretações dos dados nas pesquisas devido a uma série de fatores que vai desde a cultura do teórico, a sua subjetividade seletiva, carência de dados importantes até a ocultação proposital dos dados.

Feist & Roberts, pag. 4 a 8, avaliam cada teoria com base em **seis critérios de julgamento** para testar e comprová-las se ela é útil ou não, se é confiável, se é científica, se podemos dar créditos a elas:

- 1º) Se a teoria **gera pesquisa** para ampliar a teoria original e para testar as hipóteses.
- 2º) Se é **refutável**, se pode ser confirmada ou negada.
- 3º) Se é capaz de **organizar dados** de modo inteligível, para se ter uma direção.
- 4º) Se orienta para a ação prática = **solucionar problemas do dia a dia**.
- 5º) Se é **coerente internamente**. Os dados são compatíveis de modo lógico.
- 6º) Se é **clara**, simples = ser **parcimoniosa**. Se a teoria não fica atolada em conceitos complicados.

Feist & Roberts apresentam os grandes teóricos da personalidade, e discutem sobre os aspectos positivos e negativos, em relação aos seis critérios citados, das teorias e as respectivas psicoterapias, ou seja, os tratamentos clínicos práticos derivados dessas teorias.

Desde os primórdios da chamada “ciência” psicológica, os teóricos tem se mostrado grandes especuladores, um tanto narcisistas, apresentando os seus trabalhos de pesquisa sob suspeita. Assim, tentar colocar os atuais psicólogos no topo da pirâmide, restringindo somente a eles o direito de tratar pessoas com problemas emocionais, por seguirem “evidências científicas”, é um desrespeito total aos demais profissionais que atuam na mesma área, como também mostra falta de conhecimento de causa sobre as precariedades das teorias psicológicas.

Destacamos na sequência trechos dos quatro renomados livros citados que tratam dos aspectos negativos, os quais em geral são claramente negligenciados nos cursos de psicologia e pelo Conselho Federal de Psicologia. Não são debatidos devidamente.

Ao que parece, nas faculdades de psicologia prevalece a ideia de salientar ou inflar os aspectos positivos das teorias e suas psicoterapias derivadas. **Se os sinais negativos são negligenciados devemos ligar o MODO ALERTA.**

Grifamos ou colocamos em negrito as partes dos livros que mostram como são frágeis as teorias que sustentam as psicoterapias. Indicamos as páginas dos livros citados para serem verificadas de imediato.

**Campbell**, pag. 33, 34, 35. Uma teoria tem valor quando é útil, verificável, abrangente, incorpora dados empíricos, gera ideias e novas investigações, tem simplicidade e é clara (não permite que o leitor fique ofuscado pela complexidade).

É facilmente verificado nos livros citados como as teorias são frágeis, CAÓTICAS, confusas, longe de serem um trabalho científico confiável, que sustentem o argumento de que o uso do termo psicoterapia deve ser restrito a psicólogos, porque eles supostamente estariam seguindo “evidências científicas”.

Verificaremos na sequência que as dezenas de tipos de teorias psicológicas e psicoterapias práticas derivadas delas, das mais antigas às atuais, são comprovadamente precárias, limitadas e enganosas.

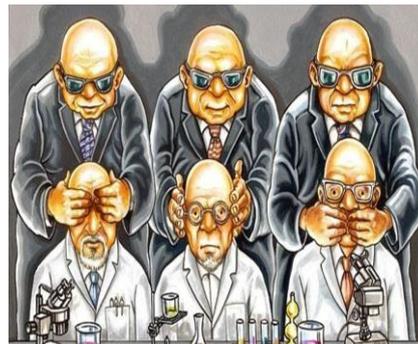
Centenas de críticas serão apresentadas porque as pesquisas dos teóricos e suas psicoterapias tem fundamento não em evidências verdadeiramente ou plenamente científicas, e porque

também faltam evidências para se chegar a conclusões rigorosamente confiáveis sobre tratamentos em saúde mental, o que é de se esperar.

As abordagens psicoterapêuticas/tratamentos oriundas das teorias da personalidade psicológicas são fundamentalistas, ideológicas, doutrinas restritivas que colidem entre si. Defensores de uma abordagem teórica (ex.: Freudiana) criticam severamente a fragilidade das outras abordagens (ex.: Junguiana). E no meio do CAOS das teorias psicológicas e das psicoterapias derivadas delas fica uma sociedade de sofrentes com supostos transtornos mentais rotulados pelo DSM, sociedade que deveria saber a verdade dos fatos a qual será apresentada neste trabalho.

As principais críticas retiradas dos livros citados podem ser resumidas aqui:

- *falta de pesquisas e dados experimentais significativos,*
- *escassez ou qualidade das amostras,*
- *fragilidades metodológicas,*
- *erros de interpretação de dados,*
- *definições deficientes,*
- *especulação filosófica,*
- *falta de coerência e clareza,*
- *difficuldade em se comprovar os dados.*



**O mais grave ao longo da história da chamada psicologia “científica”: foram disseminadas inverdades, manipulações, colocando-se em risco seriamente a saúde mental da população.**

Ao se pesquisar na internet “erros científicos” encontramos centenas de artigos alarmantes em todos os idiomas. Veja alguns deles:

**“Quase 5 mil artigos científicos foram retratados em 2022”**

<https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2023/01/13/quase-5-mil-artigos-cientificos-foram-retratados-em-2022>

“Mais da metade dos estudos de psicologia não pode ser reproduzido. Entenda por que isso é um problema. Pesquisas da área de psicologia revelou que mais da metade delas falha ao ser replicada — e mesmo aquelas que tiveram sucesso apresentaram resultados menos “intensos”. A conclusão é de uma ampla análise publicada na revista Science. Nos últimos anos, os pesquisadores têm se debatido com um número crescente de artigos retratados, com erros, falhas ou, simplesmente, fraudulentos.”

<https://veja.abril.com.br/ciencia/mais-da-metade-dos-estudos-de-psicologia-nao-pode-ser-reproduzido-entenda-por-que-isso-e-um-problema>

Imagine quantas pessoas passaram a vida sofrendo com os chamados transtornos mentais, não devidamente tratadas, porque as psicoterapias ditas “científicas” na sua maioria não são confiáveis. Não HÁ sustentação necessária para afirmar sobre o “preparo adequado” dos profissionais psicólogos tratem a saúde mental da população.

É facilmente verificado nos livros citados como as teorias são frágeis, longe de ser um trabalho científico digno de confiança, que sustentem o argumento de que o uso do termo psicoterapia

deve ser restrito a psicólogos, porque eles supostamente estariam seguindo “evidências científicas”.

“A maioria das teorias **carece de clareza**. Geralmente é **bem difícil** entender as suas suposições. As teorias da personalidade são frequentemente embaladas em vistosas imagens linguísticas que podem servir muito bem como um meio de **persuadir** o leitor relutante, **mas que frequentemente servem para ocultar e esconder as suposições específicas subjacentes à teoria**. Em outras palavras, **a maioria das teorias não é apresentada de uma maneira direta e ordenada. De fato, muitas delas parecem mais orientadas para a persuasão do que para a exposição.**” Campbell, pag. 37.

“Uma consequência inevitável da **falta de clareza** referente à natureza das suposições subjacentes à teoria é a existência de uma **séria confusão no processo de derivar declarações empíricas da teoria**. Na verdade, o processo de derivação, na maioria das teorias da personalidade, é **casual, obscuro e ineficiente**. Isso é um reflexo não só da **falta de clareza dessas teorias**, mas também do fato de a maioria dos teóricos da personalidade ter sido orientada para a explicação depois-do-fato, e não para a geração de novas predições referentes ao comportamento. Finalmente, está claro que, embora as teorias da personalidade variem em seu cuidado ao especificar definições empíricas, **nenhuma delas atinge um padrão muito bom em termos absolutos.**” Campbell, pag. 37.

“Se o leitor só pudesse gravar um único pensamento de tudo o que foi dito até este ponto, que fosse a simples impressão de que as teorias da personalidade **são tentativas** de formular ou representar aspectos significativos do comportamento dos indivíduos.” Campbell, pag. 44.

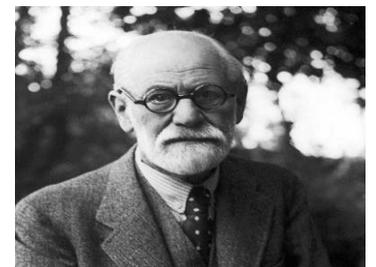
“O fato é que todas as teorias do comportamento são teorias **bastantes deficientes e decepcionam em termos de prova científica**. A psicologia tem um longo caminho pela frente antes de poder ser chamada de **ciência exata**. Conseqüentemente, o psicólogo precisa selecionar a teoria que pretende seguir por **outras razões que não a adequação formal e a evidência fatural**. Campbell, pag. 81.

Vamos nas próximas páginas analisar profundamente as críticas feitas diretamente aos fundadores da psicologia, idolatrados pelos estudantes e professores de psicologia:

## FREUD

Feist,

pag. 42 “Em consequência da visão alemã da ciência do século XIX de Freud, muitos escritores contemporâneos consideram os métodos freudianos de construção da teoria como **insustentáveis e não científicos**. As teorias de Freud **não foram baseadas na investigação experimental**, mas em **observações subjetivas** que ele fez de si mesmo e de seus pacientes clínicos. Freud era científico? A descrição de ciência do próprio Freud (1915/1957a) dá muito espaço para interpretações subjetivas e definições vagas.”



pag. 42 “Talvez o próprio Freud tenha nos deixado com a melhor descrição de como ele desenvolveu suas teorias. Em 1900, logo depois da publicação da *Interpretação dos sonhos*, ele escreveu a seu amigo Fliess, confessando que “eu, na verdade, **não sou absolutamente um homem da ciência**, não um observador, não um experimentador, não um pensador. Sou, por

*temperamento, nada mais do que um conquistador – um aventureiro... com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade características de um homem desse tipo” (Freud, 1985, p. 398)”*

pag. 42 “*Como boa parte das evidências de pesquisa compatíveis com as ideias de Freud também pode ser explicada por outros modelos, a teoria freudiana é **quase impossível de ser verificada.**”*

pag. 42 “*Um terceiro critério de uma teoria útil é a capacidade de organizar o conhecimento dentro de uma estrutura significativa. Infelizmente, a estrutura da teoria da personalidade de Freud, com sua ênfase no inconsciente, é tão solta e flexível que dados **incoerentes** podem coexistir dentro de suas fronteiras.*”

*a psicanálise arrisca mais respostas às perguntas referentes a porque as pessoas se comportam da forma como se comportam. Mas **apenas algumas dessas respostas provêm de investigações científicas.**”*

*a psicanálise já não domina mais o campo da psicoterapia, e a maioria dos terapeutas atuais usa outras orientações teóricas em sua prática. Assim, a psicanálise como guia para o profissional tem uma **classificação baixa.**”*

pag. 42 “*A psicanálise possui um conjunto de termos definidos operacionalmente? Aqui, a teoria definitivamente **fica aquém.**”*

## **FREUD**

Schultz, pag. 67, 81,82. Os pesquisadores descobriram que **conceitos freudianos**, como id, ego, superego, libido, catarse, sonhos como expressões disfarçadas de desejos reprimidos e outros conceitos **não podiam ser testados** pelo método experimental, pesquisas empíricas, **nem encontram provas** sobre as fases psicosssexuais, variáveis edipianas. **Grande parte da teoria freudiana não foi validada cientificamente.**

pag. 81,82. O método de pesquisa de Freud, os estudo de casos, **não se baseia em observação objetiva**, não é controlado e sistemático, nem permite duplicação e verificação, não são quantificáveis, são incompletos, imprecisos e se baseiam em amostras pequenas e não representativas, **definições de conceitos são ambíguas.**

## **FREUD**

Campbell, pag. 45. “*A teoria de Freud muitas vezes é descartada como **não-científica.** Qualquer teoria baseada na estrutura e nas forças inconscientes revela-se difícil, se não **impossível, de testar**, e a testabilidade das predições é a marca registrada da teoria científica”.*

pag. 68. “*ele não empregou técnicas experimentais ou observacionais controladas em suas investigações da mente humana. Freud ocasionalmente citava apoios experimentais para a sua posição, mas de modo geral **acreditava** que suas horas analíticas ofereciam provas suficientes de suas idéias. Gay conclui que esta posição “foi no mínimo um erro tático”. Muitos críticos alegam que tal atitude representa muito mais do que um erro tático; na verdade, ela é **anticientífica.**”*

pag. 74. “*Grunbaum (1984, 1986, 1993) argumentou que algumas das hipóteses de Freud são, de fato, falsificáveis, mas que os dados clínicos **não são válidos como evidência científica** em*

testes dessas hipóteses. Em consequência, existem **poucas evidências** apoiando as hipóteses psicanalíticas”.

pag. 79. “...existem **graves falhas** nos procedimentos empíricos por meio dos quais Freud validou suas hipóteses. Ele teria feito suas observações em condições não-controladas.”

Críticos dos métodos de Freud também fazem objeções ao fato de ele aceitar tudo o que os pacientes diziam **sem tentar corroborar** aquilo com alguma forma de evidência externa. Eles acham que Freud deveria ter obtido evidências com parentes e conhecidos, documentos, dados de teste e informações médicas”

pag. 80. “Um outro tipo de crítica ataca a teoria em si e diz que a teoria é “ruim” porque muitas partes suas **não têm**, e não podemos fazer com que tenham, **consequências empíricas**.”

## FREUD

Fadiman, pag. 28. “A psicanálise **não se aplica a qualquer um** e a aplicação correta de seus procedimentos **não leva inevitavelmente à melhora**. Freud delicadamente repreendia aqueles que pudessem acreditar que a terapia psicanalítica significasse a cura definitiva.”

## ADLER

Feist, pag. 65 “A teoria de Adler, como a de Freud, produziu muitos conceitos que **não se prestam facilmente à verificação ou à comprovação**. Assim, um dos conceitos mais importantes de Adler é **difícil de verificar ou refutar**.”

pag. 65 “Mesmo que a teoria adleriana seja um modelo para autocoerência, ela sofre de uma **falta de definições operacionais precisas**. Expressões como objetivo de superioridade e força criativa **não possuem definição científica**. Infelizmente, a psicologia individual de Adler é um tanto filosófica – até mesmo **moralista**.”



pag. 65 “Devido à falta de definições operacionais, portanto, classificamos a psicologia individual como **baixa em coerência interna**.”

## ADLER

Schultz, pag. 136. “Freud disse que a psicologia de Adler era **muito simplista** e que para aprender as teorias de Adler era preciso saber muito pouco”.

pag. 136. “Os críticos alegavam que Adler era **incoerente e não sistemático** no seu raciocínio e que **sua teoria continha lacunas e perguntas não respondidas**”.

## ADLER

Fadiman, pag. 83. “Adler, em geral, não conseguiu receber crédito por suas realizações. Seus empreendimentos originais são freqüentemente tidos como derivados da teoria psicanalítica, ou então **óbvios ou insignificantes**. Suas teorizações tendem a ser fraseadas de um modo **simples e banal** que freqüentemente parece **superficial e frívolo**.”

## JUNG

Feist, pag. 90 “Infelizmente, a teoria de Jung, assim como a de Freud, é **quase impossível de verificar ou refutar**. O inconsciente coletivo, a essência da teoria de Jung, permanece sendo um

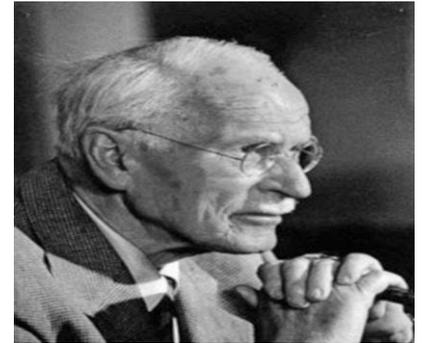
conceito **difícil de testar empiricamente**. Boa parte das evidências para os conceitos de arquétipo e inconsciente coletivo surgiu a partir das próprias experiências de Jung, **se apoia mais na fé do que em evidências empíricas.**”

pag. 91 “De modo geral, podemos dar à teoria de Jung somente uma **classificação baixa em praticidade**”.

pag. 91 “A **linguagem de Jung costuma ser figurada, e muitos de seus termos não são definidos de modo adequado**. Quanto às definições operacionais, classificamos sua teoria como **baixa em coerência interna**. O critério final de uma teoria útil é a parcimônia (simplicidade). A psicologia de Jung **não é simples**, como ela é mais **complicada** do que o necessário, podemos lhe dar apenas uma **baixa classificação em parcimônia.**”

## JUNG

Schultz, pag. 110. Ler a sua obra pode ser frustrante devido a **tantas contradições** que há em seus livros. A conexão entre ideias não está clara. **Não há coerência interna e sistematização**. A adoção do oculto e do sobrenatural por Jung é provavelmente a fonte da maioria das críticas feitas à sua teoria. **Jung aceitou como prova científica ocorrências míticas e místicas que os seus pacientes relatavam.**



## JUNG

Campbell, pag. 108. “A teoria de Jung não estimulou muitas pesquisas empíricas, em grande parte devido à **difículdade de quantificar** muitos de seus constructos.”

pag. 112. “Ernest Jones (1959) opinou que depois dos “grandes estudos de Jung sobre associação e demência precoce, ele decaiu para uma **pseudofilosofia** da qual jamais emergiu” Que influência teve a teoria de Jung da personalidade sobre o desenvolvimento da **psicologia científica**? **Muito pouca**, pelo que podemos perceber.”

pag.112. “Boring, em seu *History of Experimental Psychology*, dedicou seis páginas a Freud e quatro linhas a Jung. Peters, em sua revisão e condensação do *History of Psychology* de Brett, após uma discussão bastante completa de Freud, dedicou uma página a Adler e uma a Jung. Ele considera o trabalho final de Jung **tão misterioso** que é quase **impossível discuti-lo.**”

pag. 113. “a psicologia de Jung baseia-se em achados clínicos e **míticas, em vez de em investigações experimentais**”.

pag. 114. “Seu estilo de apresentação de idéias foi considerado **desconcertante, obscuro, confuso e desorganizado.**”

## JUNG

Fadiman, pag.62. “Jung foi muitas vezes criticado pela **falta de um sistema de pensamento coerente, claramente estruturado**. Seus escritos parecem às vezes **divagar** por tangentes, mais do que apresentar idéias de uma maneira formal, lógica, ou até mesmo sistemática. Em conseqüência, sua teorização **carece de uma estrutura lógica firme** que categorize todas as informações em termos de um pequeno número de construtos teóricos.”

## HORNEY

Feist, pag. 125 “teoria psicanalítica social de Horney **carece de pesquisas atuais** que possam apoiar suas suposições.”

pag. 125 “A teoria de Horney é **insuficiente** em seu poder de **gerar pesquisa** e de se submeter ao critério de **refutação**. Especulações da teoria não produzem facilmente hipóteses verificáveis e, portanto, **carecem de verificabilidade e refutação**.”

pag. 126 “Além dessas condições, no entanto, a teoria **não é específica o suficiente** para dar ao praticante um curso de ação claro e detalhado. Nesse critério, a teoria recebe uma **classificação baixa**.”



## HORNEY

Schultz, pag. 160. “Horney usou **pouco dados de pesquisa** para detalhar como as forças sociais moldam a personalidade”.

pag. 161. “Sua teoria foi criticada por **não usar dados de pesquisas sociológicas e antropológicas** e por serem fortemente influenciada pela cultura da classe média norte-americana”.

## FROMM

Feist, pag. 143 “Assim como outros teóricos psicodinâmicos, Fromm tendeu a assumir uma abordagem global para a construção da teoria, engendrando um **modelo grandioso e altamente abstrato que era mais filosófico do que científico**.”

pag. 143. “Essa **escassez de investigações científicas** o coloca entre os menos validados de forma empírica de todos os teóricos abordados neste livro.”



pag. 143. “Segundo, a teoria de Fromm é **muito filosófica para ser refutável ou verificável**. Quase todos os achados empíricos gerados pela teoria de Fromm (se existissem) poderiam ser explicados por teorias alternativas”.

pag. 143 “**a falta de precisão** de sua teoria dificulta a previsão e **torna a refutação impossível**. Infelizmente, no entanto, nem o pesquisador nem o terapeuta recebem muita informação prática dos ensaios de Fromm a teoria carece de um conjunto de termos definidos de forma operacional e uma limitação clara do escopo. Portanto, ela se classifica como **baixa em coerência interna**; sua teoria **carece de simplicidade e unidade**. Por essas razões, classificamos a teoria de Fromm como **baixa no critério de parcimônia**.”

## FROMM

Schultz, pag.178. “**Faltam dados empíricos** para afirmar a teoria de Fromm. Alguns de seus **conceitos foram definidos de forma imprecisa** e em termos que geralmente são **contraditórios**, tornando **difícil testar suas proposições experimentalmente**”.

pag.179. “As pesquisas de Fromm que **não podem ser repetidas ou verificadas**. Contém **terminologia vaga**”.

## ERIKSON

Feist, pag. 163 “Erikson construiu sua teoria em grande parte sobre princípios éticos, e **não necessariamente sobre dados científicos**. Ele chegou à psicologia pela arte e reconheceu que via o mundo mais pelos olhos de um **artista** do que pelos olhos de um cientista. Seus livros são **reconhecidamente subjetivos**. A teoria de Erikson deve ser julgada pelos padrões da ciência, não pela ética ou pela arte.”

pag.164 “Em sua capacidade de organizar conhecimento, a teoria de Erikson é **limitada**. Ela não aborda de modo adequado questões como traços pessoais ou motivação, uma limitação que **reduz a capacidade da sua teoria de dar significado a muito do que é hoje conhecido sobre a personalidade humana**. A teoria carece de alcance suficiente para ser classificada como alta em tal critério. Como um guia para a ação, a teoria de Erikson fornece muitas diretrizes gerais, mas **poucas informações específicas**.”

pag.164 “Conceitos como esperança, vontade, propósito, amor, cuidado, entre outros, **não são definidos de modo operacional**. Eles têm pouca utilidade científica.”

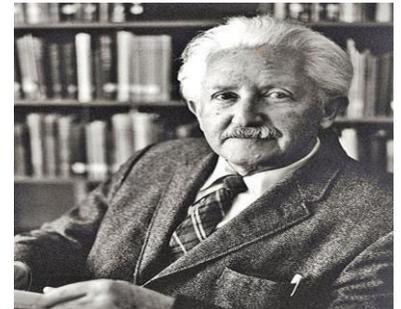
## ERIKSON

Schultz

pag. 228. “Erikson usava termos **conceitos ambíguos**, conclusões tiradas sem dados para confirmá-las e uma **falta geral de precisão**. Erikson admitia que não tinha educação formal em ciência.”

pag. 229. “Questões como o desenvolvimento da maturidade, diferenças sexuais, aplicação da teoria a pessoas desfavorecidas, foram muito criticadas”.

pag. 330. “Erikson usava a **terminologia ambígua, descrições incompletas, afirmações mal corroboradas**”.



## ERIKSON

Campbell, pag. 185. “Uma crítica com mais mérito que as anteriores se centra na **qualidade dos fundamentos empíricos** nos quais a teoria se baseia,...**não são suficientes**.”

## ROGERS

Feist, pag. 210 “...desde a morte de Rogers, muitos seguidores de orientação humanista **não colocaram à prova** a teoria rogeriana mais geral.”

pag. 210 “A teoria rogeriana, em si costuma ser clara e econômica, porém parte da **linguagem é estranha e vaga**. Conceitos como “experiência organísmica”, “tornar-se”, “autoconsideração positiva”, “necessidade de autoconsideração”, “consideração positiva incondicional” e “funcionamento pleno”, são **muito amplos e imprecisos** para terem um significado científico claro.”



## ROGERS

Schultz, pag. 331. “Rogers **não explicou conceitos importantes** como por exemplo, as experiências subjetivas que ele tanto valorizava, porque as pessoas podem distorcer os fatos, reprimir eventos, forjar outros. Ele também **não explicou com precisão** o potencial inato de

realização que propôs”.

pag. 332. “O trabalho de Roger foi criticado por **deixar de definir precisamente** a natureza da atualização do self e por ignorar o impacto das forças inconscientes e a possível distorção das experiências subjetivas de um cliente em auto-relatos”.

## ROGERS

Campbell, pag. 385/386. “**Nem todos os achados empíricos são favoráveis à teoria de Rogers** e nem toda a pesquisa sobre o self pode ser atribuída diretamente a Rogers. A principal crítica que muitos psicólogos fazem à teoria de Rogers é que ela se baseia em um **tipo ingênuo de fenomenologia**. Uma outra crítica focaliza o **fracasso** de Rogers em descrever a natureza do organismo”.

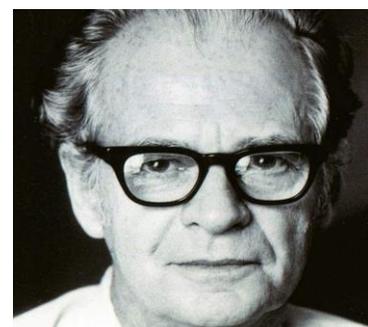
## ROGERS

Fadiman, pag. 245. “Muitos escritores comentam que basear a terapia e a aprendizagem na capacidade inata para a auto-atualização é ser **irremediavelmente ingênuo**. Argumentam que Rogers não leva em conta os padrões psicopatológicos habituais e arraigados que podem e impedem qualquer possibilidade de melhora. Outro nível de crítica é que **sua teoria não pode ser rigorosamente comprovada**. A ênfase na auto-atualização sofre, a nosso ver, da **imprecisão de seus conceitos**, da indefinição de sua linguagem e da **insuficiência de evidência** relacionada aos seus principais conteúdos.”

## SKINNER

Feist, pag. 325 “Entretanto, outros conceitos, como insight, criatividade, motivação, inspiração e autoeficácia não se encaixam facilmente na estrutura do condicionamento operante.

pag. 325 “A teoria é parcimoniosa? Segundo esse critério final, a teoria de Skinner é **difícil de classificar**. Demanda uma nova manifestação das expressões do dia a dia. Por exemplo, em vez de dizer: “Fiquei tão brava com meu marido que joguei um prato nele, mas errei”, seria preciso dizer: “As contingências de reforço dentro de meu ambiente foram organizadas de tal maneira que observei meu organismo jogando um prato contra a parede da cozinha.



## SKINNER

Schultz, pag. Skinner foi criticado em muitos pontos. Exemplo: **as pessoas são mais complexas que ratos ou pombos**, usados por ele nas suas pesquisas, ele dava ênfase exclusiva em comportamentos observáveis, o tipo de **avaliação era questionável**, havia **simplicidade demasiada** nos seus experimentos. Ele **não considerava** as qualidades humanas que nos diferenciam de ratos e pombos.

Pag. 382. Skinner negava a existência de uma entidade chamada de personalidade. Para ele processos mentais e psicológicos não observáveis de modo objetivo, não tem relevância para a ciência.

## SKINNER

Campbell, pag. 415. “Talvez a crítica mais comum a Skinner e seus alunos seja a de que **sua teoria não era nenhuma teoria**.”

A **difficuldade em prever novos comportamentos** é uma base para as críticas da teoria da aprendizagem social de Albert Bandura a Skinner”.

pag. 416. “Psicólogos estão convencidos de que a abordagem de Skinner ao estudo do comportamento é **simplista e elementar demais** para representar a complexidade total do comportamento humano.

Muitos observadores acham que o sistema de Skinner não consegue explicar a “riqueza” e a “complexidade” tão características do ser humano”.

pag. 417. “Uma outra crítica freqüente refere-se à grande proporção do trabalho inicial de Skinner executada com **pombos ou ratos**, e a rapidez com que os princípios e as **leis derivadas foram generalizadas para os seres humanos**, com pouca ou nenhuma preocupação com diferenças e semelhanças entre as espécies.”

## SKINNER

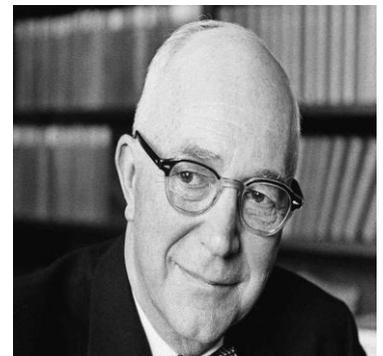
Fadiman, pag. 212. “Os críticos de Skinner dentro da psicologia experimental não discordam de suas conclusões filosóficas, mas da **evidência experimental** na qual diz ter baseado seu trabalho. Muitos levantam questões sobre suas **generalizações de estudos experimentais com animais para afirmações mais abrangentes sobre o comportamento humano ou animal.**”

## ALLPORT

Feist, pag. 249 “Allport baseou sua teoria da personalidade mais na **especulação filosófica** e no bom senso do que em investigações científicas”.

Segundo o critério de **refutabilidade**, a teoria de Allport deve receber uma **classificação baixa**.

De forma mais específica, os comportamentos motivados por forças inconscientes, assim como aqueles estimulados por impulsos primários, não foram explicados de modo adequado por Allport.”



## ALLPORT

Schultz, pag. 251. Os estudos de Allport estimularam **poucas pesquisas** de outros cientistas para testar as suas preposições. É **difícil** traduzir os conceitos de Allport para **aplicar o método experimental** e muitas perguntas não foram respondidas por ele.

## ALLPORT

Campbell, pag. 250. “Allport geralmente estava mais preocupado em apresentar seu ponto de vista de forma vívida e efetiva do que em se proteger de críticas. A **inadequação formal da teoria** provocou muitos comentários negativos.”

pag. 251 “...sua **teoria falha** tristemente como um **gerador formal de pesquisa**.

Talvez a crítica mais séria a esse princípio é que Allport **não ofereceu nenhuma explicação adequada** do processo ou do mecanismo subjacente à autonomia funcional. Ele nos diz que o

fenômeno ocorre, mas não explica satisfatoriamente como ou por quê. Um outro aspecto da teoria que **sofreu um pesado tiroteio de críticas** é a suposição de Allport de uma descontinuidade parcial entre o normal e o anormal, entre o bebê e o adulto, e entre o animal e o humano.

pag. 252. Uma outra objeção à teoria, intimamente relacionada ao seu **fracasso em generalizar proposições empíricas**, é a sua **incapacidade de especificar** um conjunto de dimensões para usar no estudo da personalidade.”

## KELLY

Feist, pag. 390 “Classificamos a teoria dos construtos pessoais como **baixa em refutabilidade**. A teoria organiza o conhecimento acerca do comportamento humano? Conforme esse critério, a teoria deve ser **classificada como baixa**. A noção de Kelly de que nosso comportamento é consistente com nossas percepções correntes ajuda a organizar o conhecimento, porém sua **esquiva** dos problemas de motivação, das influências do desenvolvimento e das forças culturais **limita a capacidade de sua teoria** de atribuir significados específicos a muito do que é hoje sabido acerca da complexidade da personalidade.”



pag. 390 “Classificamos a teoria como **baixa** quanto a ser um guia para a ação. Sua teoria oferece poucas sugestões específicas a pais, terapeutas, pesquisadores e outros que estão tentando compreender o comportamento humano.

pag. 390 “De acordo com a segunda parte desse critério, a teoria dos construtos pessoais é insuficiente, porque, como **a maioria dos teóricos discutidos neste livro, Kelly não definiu seus termos de modo operacional**”.

## KELLY

Schultz, pag. 355. Kelly foi criticado em vários pontos. Ele concentra suas pesquisas em aspectos intelectuais e racionais, em detrimento dos emocionais. O ser racional de Kelly parece ser um ideal que não existe na realidade. **A sua teoria como muitas outras, deixa perguntas sem respostas.**

Pag. 356 Kelly foi criticado por omitir conceitos importantes como motivação, emoção e por basear-se numa **amostra não representativa** de pessoas avaliadas.

## KELLY

Campbell, pag. 345. “...existe uma **pobreza emocional** no modelo de Kelly da personalidade. Talvez em função dos clientes com os quais trabalhava, Kelly enfatizou a lógica e a racionalidade. No processo de articular essa faceta do comportamento humano, ele **ignorou as paixões**, que também desempenham um papel central na vida humana. Não existem metas, valores, unidades estruturais ou tendências comportamentais. Em resumo, **não existe nenhum alicerce para a personalidade.**”

## MURRAY

Schultz, pag. 196. O método de pesquisa utilizado por ele foi questionado porque o Conselho de Diagnóstico (formado por pessoas “experientes” que avaliavam outras), **não era científico.**

Murray usada **conceitos vagos** e não respondia questões importantes.

## MURRAY

Campbell, pag. 220. “...as principais críticas à teoria relacionam-se estreitamente à **originalidade** e **complexidade** da teoria.

Os críticos podem dizer que no sistema de Murray que **não** existe um conjunto de suposições psicológicas **claramente enunciadas** de maneira a produzir conseqüências testáveis.

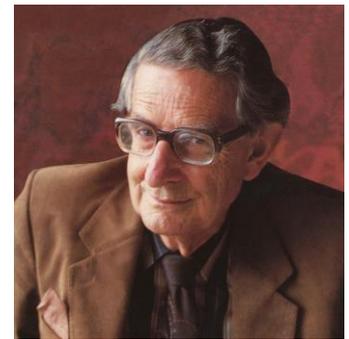
Isso levou alguns críticos a acreditar que a teoria de Murray é **incapaz de explicar** como os motivos se transformam e desenvolvem-se,...ele disse **relativamente pouco** sobre o processo exato pelo qual esses motivos se desenvolvem.

Em geral, os textos de Murray e sua pesquisa não fizeram furor no mundo psicológico existente. Ele era **poeta demais.**”

pag. 221. “Assim, compreensivelmente, muitos investigadores têm considerado os textos de Murray **pouco respeitosos em relação à técnica experimental**, e **perturbadores nas considerações complexas** que introduzem como necessárias a um entendimento adequado do comportamento humano. Henry Murray foi um psicólogo? A resposta de Triplet (1992, p. 305) – “Pelos padrões de hoje, a resposta a essa pergunta provavelmente é **não**” – pode representar uma visão de consenso.”

## EYSENCK

Feist, pag. 282 “Uma teoria útil tem o poder de **guiar as ações dos praticantes**, e, segundo tal critério, as teorias biológicas possuem uma **classificação relativamente baixa**. Ainda que essas teorias façam um bom trabalho ao explicarem as origens das diferenças de personalidade, elas **não se prestam facilmente como guias práticos** para professores, pais e **até mesmo terapeutas.**”



## EYSENCK

Campbell, pag.313. “Precisamos apontar vários problemas. As hipóteses derivadas da teoria **nem sempre foram confirmadas**.

A tentativa de especificar uma explicação biológica para as características fenotípicas **não foi inteiramente satisfatória**, e as explicações estão se tornando obsoletas.”

## KLEIN

Feist, pag.108. “A maior parte de seus princípios baseia-se no que está acontecendo dentro da psique do bebê, e, assim, **esses pressupostos não podem ser verificados**. A teoria de Klein **não se presta a refutações** porque gera poucas hipóteses verificáveis.”



pag.109 “..classificamos a teoria das relações objetais como **baixa quanto ao critério da parcimônia**. Klein, em especial, usava de modo desnecessário expressões e conceitos **complexos** para descrever sua teoria.”

## MAY

Feist, pag. 230. “O existencialismo, em geral, e a psicologia de May, em particular, foram criticados como sendo **anti-intelectuais e antiteóricos**.

pag. 230. “Conforme o primeiro critério de uma **teoria útil**, portanto, a psicologia existencial de May recebe um **escore muito baixo**.”

pag. 230. “Segundo, as ideias de May podem ser verificadas ou refutadas? Mais uma vez, a psicologia existencial, em geral, e a teoria de May, em particular, precisam ser classificadas como **muito baixas com base em tal critério**. A **teoria é muito amorfa** para sugerir hipóteses específicas que poderiam confirmar ou refutar seus conceitos principais.”

pag. 230. “Ainda que suas ideias possam afetar as pessoas de maneiras que outros teóricos não conseguiram, o uso de **certos conceitos** foi, por vezes, **incoerente e confuso**. Além do mais, **ele decidiu negligenciar** vários tópicos importantes na personalidade humana, como, por exemplo, desenvolvimento, cognição, aprendizagem e motivação. Como um guia prático para a ação, a teoria de May é **muito fraca**. Mesmo com um grande conhecimento da personalidade humana, May reuniu suas visões **mais a partir de fontes filosóficas do que científicas**. De fato, ele não fazia objeção a ser chamado de filósofo e, muitas vezes, refere-se a si mesmo como filósofo-terapeuta. De acordo com o critério de coerência interna, a psicologia existencial de May, mais uma vez, **fica aquém**.”

pag. 230. “O critério final de uma teoria útil é a parcimônia, **seus escritos, por vezes, eram complicados e estranhos**.”

## **BANDURA**

Schultz, pag. 410. A teoria de aprendizagem social de Bandura **ignora aspectos humanos da personalidade**, como motivação, emoção, conflitos.

pag. 411. Bandura fracassou em especificar precisamente como as variáveis cognitivas afetam o comportamento.

## **BANDURA**

Campbell, pag. 487. “Bandura não discute a fundamentação fisiológica das características de personalidade. Existe apenas um **foco muito limitado** no conflito, na excitação, no afeto e na motivação. Ficamos com um quadro muito claro dos mecanismos envolvidos na aprendizagem observacional, na auto-eficácia e no auto-sistema, mas não há aquele colorido que torna tão reais as formulações psicanalíticas. Também **não há detalhes** sobre as unidades estruturais que possuem poder explanatório e preditivo nas teorias clássicas da personalidade.”

## **CATTELL**

Campbell, pag. 287. “As grandes porções da estrutura teórica de Cattell repousam sobre **fundamentos empíricos vacilantes**. Uma das críticas mais freqüentes e vigorosas alega que os teóricos do fator criam sistemas de artefatos que não têm **nenhuma relação verdadeira** com qualquer indivíduo e, portanto, **distorcem e representam mal a realidade**.

A maioria dos psicólogos **não considera úteis os fatores** do analista fatorial para descrever o comportamento individual.

Muitos psicólogos acham que as teorias fatoriais **não são teorias**”.

## **DOLLARD & MILLER**

Campbell, pag. 456 “Talvez a objeção crítica mais importante às abordagens de E-R (estímulo-resposta), seja a afirmação de que elas não oferecem uma especificação anterior adequada de estímulo e resposta.

Relacionado a essa crítica está o fato de que a teoria de E-R tem surpreendentemente pouco a dizer sobre as estruturas ou as aquisições da personalidade. Tal objeção também afirma que, com sua preocupação com o processo da aprendizagem, a teoria de E-R é apenas uma **teoria parcial** e que os componentes relativamente estáveis da personalidade são um elemento essencial em qualquer tentativa de se compreender o comportamento humano.

As críticas mais freqüentes à teoria do E-R certamente apontam para a **simplicidade**. Outros psicólogos acusam os teóricos de E-R de ter **negligenciado** a linguagem e os processos de pensamento, e afirmam que seus **conceitos são inadequados** para explicar a aquisição e o desenvolvimento dessas complexas funções cognitivas.”

### **ADLER, FROMM, HORNEY E SULLIVAN**

Campbell, pag. 150. “...as teorias desenvolvidas por Adler, Fromm, Horney e Sullivan ampliaram o alcance da psicologia freudiana ao criar espaço para os determinantes sociais da personalidade. Vários críticos, todavia, **desprezaram a originalidade** dessas teorias psicológicas sociais.

Foi salientado por um filósofo, Isaac Franck (1966), que a concepção da pessoa apresentada por Fromm e por outros psicólogos sociais e humanistas é menos um produto de pesquisa e mais o resultado de suas preconcepções normativas. Eles **são moralistas e não cientistas**.

É difícil encontrar um teórico da personalidade, de Freud a Fromm, que não faça **juízos moralistas e éticos**, aberta ou encobertamente, sobre os efeitos prejudiciais do ambiente social sobre os humanos. Outra crítica é o fracasso dessas teorias psicológicas sociais em especificar os meios exatos pelos quais uma sociedade molda seus membros.”

### **BUSS**

Feist, pag. 299 “Muitos críticos da teoria evolucionista são rápidos em apontar que os princípios centrais da teoria evolucionista inerentemente **não podem ser refutados ou verificados**, porque a evolução é um evento passado.”

pag. 299 “Como um guia para os praticantes, damos à teoria uma **classificação relativamente baixa**. A teoria evolucionista diz pouco acerca de como devemos criar nossos filhos, o que devemos lhes ensinar e de que forma, ou como conduzir a terapia para tratar transtornos mentais. A teoria é mais abstrata e pura do que concreta e aplicada”.

### **MASLOW**

Feist, pag. 187 “Segundo o critério de **refutabilidade**, precisamos classificar a teoria de Maslow como **baixa**. Os pesquisadores demonstraram dificuldade para verificar ou confirmar os meios de Maslow de identificação das pessoas autorrealizadas.”

pag. 188 “Como Maslow **não forneceu uma definição operacional de autorrealização e uma descrição completa de seus procedimentos de amostragem**, os pesquisadores não têm como ter certeza de que estão replicando o estudo original ou que estão identificando a mesma síndrome de autorrealização. Maslow deixou os futuros pesquisadores com **poucas diretrizes claras** a seguir quando tentassem replicar seus estudos sobre autorrealização.



**Carecendo de definições operacionais da maioria dos conceitos de Maslow, os pesquisadores não conseguem verificar nem refutar boa parte de sua teoria básica.**

pag. 188 “A teoria é internamente coerente? Infelizmente, a **linguagem hermética e incerta** de Maslow torna **ambíguas e incoerentes** partes importantes de sua teoria.”

## MASLOW

Schultz, pag.309. As críticas a Maslow foram concentradas na **falta de dados de apoio** gerados experimentalmente, as **amostras eram pequenas demais**. Ele acumulou **informações** de maneira **incoerente e vaga**. “**Como verificamos em outros teóricos, não são raras as deficiências em metodologias**”.

pag.310. Seus estudos **não eram sustentados amplamente por pesquisas laboratoriais** e ele **não explicou** certos critérios para as suas pesquisas.

## MASLOW

Fadiman, pag. 276. “O trabalho experimental de Maslow é, em sua maior parte, **inconclusivo**; **explanatório seria um termo mais adequado, e ele foi o primeiro a reconhecer isto.**”

Fadiman, pag. 277. “Os dados das **pequenas e distorcidas amostras** de Maslow **não são estatisticamente de confiança**. Maslow às vezes parece muito um filósofo de gabinete que permanece um tanto distante das possíveis contradições de novos fatos ou experiências.”

## PERLS

Fadiman, pag. 142. “É claro que existem **perigos nesta abordagem aleatória**. Alguns deles são visíveis em muitas das aplicações usuais da Gestalt-terapia. A abordagem, quando aplicada numa situação terapêutica, toma-se facilmente **mágica, simplista, redutiva**, ou simplesmente uma imitação do estilo pessoal particular de Perls. É certo que a facilidade com que a abordagem gestáltica é traduzida em séries de truques psicoterapêuticos e em curas psicoterapêuticas aparentemente instantâneas não ajuda a mantê-la como um propósito vital e sério, o que Perls pretendia”.



## WILLIAMS JAMES

Fadiman, pag. 176. “Ele nunca tentou ser apenas sistemático e, como resultado, há uma tendência oculta de **dívidação caótica** em seus trabalhos”.

## REICH

Fadiman, pag. 103. “A terapia foi severamente criticada por estimular a descarga emocional a tal ponto que os estudantes desta terapia tornaram-se incapazes de controlar a liberação emocional profunda em público e em outras situações inapropriadas”.

Fadiman, pag. 104. “As teorias de Reich até hoje suas idéias tenham sido **controvertidas demais** para terem aceitação geral”.

Como se vê, há um **CAOS** nas abordagens dos teóricos e as suas psicoterapias estão corrompidas por muitos erros, inaceitáveis, não são legitimamente científicos.

Em Psicoterapias - Abordagens atuais, Cordioli & Grevet. Artmed, 2019, 4ª edição, pág. 27, perguntaram: “AS PSICOTERAPIAS SÃO TRATAMENTOS EFICAZES?”

*“Na publicação de resultados das psicoterapias, pode haver um **viés** (tendência na publicação de resultados positivos ou que corroborem determinado modelo ao qual o autor se afilia, em detrimento de resultados nulos), o que pode **umentar artificialmente a eficácia** da psicoterapia, assim é um assunto com grande espaço para novos estudos e melhor compreensão dos fatores que influenciam os resultados.”*

Em LIMITAÇÕES DAS EVIDÊNCIAS EM PSICOTERAPIAS, Psicoterapias - Abordagens atuais. Cordioli & Grevet., Artmed, 2019, 4ª edição, pág. 146 - 147, lemos diversos comentários, aqui sintetizados:

*“Há discrepâncias entre o mundo da pesquisa e o mundo da clínica, que diz respeito ao DSM, e aos critérios formais que são limitados por órgãos financiadores de pesquisa, de modo que os investigadores costumam ter liberdade limitada para usar critérios mais flexíveis, compatíveis com a prática diária da maioria dos psicoterapeutas.”*

*“ Há viés de publicações, quando o pesquisador publica facilmente os “achados positivos, há sobre-representação nos periódicos científicos que confirma a superioridade dos tratamentos investigados, assim se observa quadros mais favoráveis do que a realidade.*

*Há conflitos de interesse, pois o terapeuta se alinha a uma determinada corrente teórica. Há também a questão do cegamento nos ensaios clínicos, porque torna-se impossível cegar o psicoterapeuta (torná-lo neutro) e também é impraticável impedir que o paciente saiba o formato de tratamento que está recebendo.”*

No livro citado, capítulo 9, Evidências em Psicoterapia, nas considerações finais, pag. 149, lemos no texto:

*“Por fim, não há como não se reconhecer certa ironia no fato de que, apesar da crescente demanda por embasamento em evidências, não há até o momento uma avaliação sistemática acerca dos benefícios da adoção de diretrizes baseadas em evidências em serviços de psicoterapia. Desse modo, a implementação dos achados de pesquisa, apesar de seguir uma lógica plausível, **permanece não testada do ponto de vista científico**. Como argumentam Roth e Fonagy, deve-se ter em mente ainda que, independentemente da força de uma evidência, o método psicoterápico de escolha representa apenas uma parcela da variância observada nos desfechos clínicos e que implementar a prática de uma psicoterapia baseada em evidências **ignorando o componente “arte” da terapia** pode acabar reduzindo a capacidade criativa e, por conseguinte, o potencial de avanço da técnica.”*

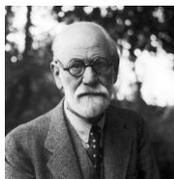
Resumimos a seguir algumas expressões citadas nas críticas sobre as teorias e sobre os teóricos vistos até aqui. As expressões funcionam como termos-chave para percebermos quanto as teorias são frágeis, pouco científicas e caóticas. É preciso **muita fé** para aceitarmos as teorias psicológicas já que elas não se sustentam por si próprias e estão profundamente corrompidas por falta de cientificidade, desde os primeiros pesquisadores, como Freud, Adler, Jung, etc.

## TERMOS-CHAVE SOBRE AS TEORIAS PSICOLÓGICAS PRECÁRIAS

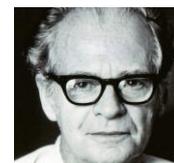
### Psicologia: Pseudociência ou o Caos na Ciência?

# CAOS

- *teorias deficientes*
- *distorcem a realidade*
- *poucas diretrizes claras*
- *não foi inteiramente satisfatória*
- *servem para ocultar e esconder*
- *nenhuma delas atinge um padrão bom*
- *muitas contradições*
- *deficiências em metodologias*
- *sua teoria não era nenhuma teoria*
- *simplicista e elementar demais*
- *especulação filosófica, não científica*
- *inadequação formal da teoria*
- *teoria falha como gerador de pesquisa*
- *ignora aspectos da personalidade*
- *escritos complicados e estranhos*
- *teorias carecem de clareza*
- *definições de conceitos ambíguas*
- *falta geral de precisão*
- *descrições incompletas*
- *linguagem é estranha, vaga*
- *não explicou conceitos importantes*
- *conceitos imprecisos, contraditórios*
- *estilo desconcertante, obscuro, confuso*
- *baixa em coerência interna*
- *classificação baixa em praticidade*
- *baixa classificação em parcimônia (simplicidade)*
- *difícil de classificar*
- *classificação baixa como guia de ação*
- *como teoria útil, score muito baixo*
- *falta de definições operacionais precisas*
- *se apoia mais na fé do que em evidências experimentais*
- *falhas nos procedimentos empíricos*



- *difícil de testar empiricamente*
- *fontes míticas em vez de em investigações experimentais.*
- *faltam dados empíricos*
- *pouco respeitoso em relação à técnica experimental*
- *fundamentos empíricos vacilantes*
- *não podem ser verificados*
- *quase impossível de verificar ou refutar*
- *carecem de verificabilidade e refutação*
- *não se presta a refutações*
- *não se baseia em observação objetiva*
- *carece de pesquisas atuais*
- *pouco dados de pesquisa*
- *falta de dados de apoio*
- *amostras pequenas demais*
- *amostra não representativa*
- *poucas informações específicas*
- *teoria com lacunas e perguntas não respondidas*
- *insustentáveis e não científicas*
- *não possuem definição científica*
- *modelo abstrato mais filosófico do que científico*
- *escassez de investigações científicas*
- *decepcionam em termos de prova científica*
- *não foi validada cientificamente*
- *descartada como não-científica*
- *na verdade, ela é anticientífica*
- *não são válidos como evidência científica*
- *não era científico*
- *escassez de investigações científicas*
- *são moralistas e não cientistas*
- *não possuem definição científica*



Campbell Pag. 501 - 506. “Uma característica importuna e possivelmente maligna apresentada por teóricos contemporâneos da personalidade é a tendência ao que poderia ser chamado de **imperialismo teórico**. Nos referimos aqui à tentativa, depois de ter sido desenvolvida uma determinada posição teórica, de **tentar persuadir** o leitor de que essa é a **única maneira possível** de formular uma teoria do comportamento”.

“Nenhum teórico tem o direito de dizer aos outros teóricos o que fazer. Afirmar que essa é a maneira como o progresso teórico deve ser feito é bobagem e só serve para confundir. Que o teórico apresente sua teoria da maneira mais convincente possível, mas que ele respeite o fato de que ela **não existe como certeza teórica**”.

“Em um levantamento inicial da **literatura sobre a personalidade**, Sears foi estimulado por essa situação a comentar: “Uma teoria só é válida na extensão em que se mostra útil para predizer ou controlar o comportamento; **não existe certo ou errado na questão, apenas conveniência**. Uma vez que **nenhuma teoria já se revelou brilhantemente eficaz** para ordenar os dados do comportamento para esses propósitos.”

Muitas das teorias são **enunciadas tão imprecisamente** que seria extremamente difícil fazer qualquer comparação direta de seus elementos com os elementos de alguma outra teoria.

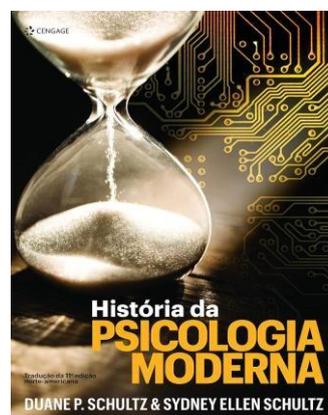
É evidente que existem muitos pontos em que as teorias **discordam totalmente**. De fato, muitas das diferenças teóricas relacionam-se a questões empíricas bastante imprecisas, de modo que os **“fatos da questão” não estão nem um pouco claros**.

A verdade é que algumas dessas teorias **estão muito longe de possuir uma utilidade empírica comprovada**. A **quantidade de testagem** empírica das conseqüências deriváveis de uma teoria psicológica é **pequena** se comparada à variedade de problemas.”

As faculdades de psicologia tradicionalmente ensinam as teorias da personalidade e as psicoterapias derivadas delas (ex.: Freudiana, Junguiana), mas como vimos os seus fundamentos estão longe de serem científicos. Que tipo de formação é essa? É confiável?

Os psicólogos devem refletir, criticar e considerar a falta de qualidade das teorias e os resultados controversos das pesquisas, e não **aceitar ideologicamente teorias inconsistentes**, e tampouco achar que são mais “preparados” que outros profissionais, tentando regulamentar a psicoterapia como prática privativa da psicologia.

Para ler mais críticas aos fundadores da psicologia e psicoterapia leia esse livro.



## A VERDADE SOBRE OS TRATAMENTOS COM PSICOTERAPIAS BASEADOS EM “EVIDÊNCIAS”.

Vimos como são precários os sistemas teóricos que a Psicologia é sustentada. Um verdadeiro CAOS “científico”, que é possivelmente desconhecido pelos psicoterapeutas-psicólogos. Praticamente todas as centenas de modalidades de psicoterapia, têm nos seus tratamentos/técnicas muitas restrições, precariedades e estão longe de terem seus alcances e limites claramente definidos, o que coloca a psicologia bem distante do que seria uma ciência exata ou pelo menos minimamente confiável.

As psicoterapias ditas oficiais (aceitas pelos Conselhos de Psicologia e faculdades), que afirmam se basear em “evidências científicas”, na verdade se baseiam em dados que podem ser interpretados de muitas maneiras e manipulados para persuadir. Estão, portanto, baseadas em especulações com rótulo de ciência, o que leva a entender que temos uma pseudociência, ou meia ciência.

Foi criado um movimento no meio acadêmico, um tanto falacioso, uma espécie de dogma chamado “psicoterapia baseada em evidências”, por um grupo de psicoterapeutas-psicólogos com objetivo de se sobressair e obter um espaço ilegítimo entre as centenas de psicoterapias, mas eles não têm conseguido sucesso devido ao enorme problema de se obter evidências científicas suficientes e confiáveis.

A psicologia não é uma ciência exata, está classificada como ciência humana, logo é uma ciência relativa, especulativa, baseadas em hipóteses, suscetível de erros, porque envolve muitos fatores de difícil mensuração como as subjetividades, as interpretações, as idiosincrasias e os critérios de julgamento sobre o que seria de fato científico. Na verdade nem o status de Ciência seria aceito para a Psicologia, mas sim o de Saber ou Arte. Teríamos então os saberes ou as artes psicológicas e não a ciência psicológica, porque esta última expressão ilude.

No artigo da renomada revista científica **SciELO Brasil**, “*Prática Baseada em Evidências em Psicologia e a História da Busca pelas Provas Empíricas da Eficácia das Psicoterapias*” (\*), há um longo texto apresentando uma discussão sobre o tema, aqui resumido:

*“A prática baseada em evidências em Psicologia (PBEP) apresenta limitações importantes. Há diversas controvérsias que circundam o tema, como o uso efetivo das bases de dados de qualidade que indexam artigos, avaliação crítica das pesquisas clínicas e revisões de literatura, domínio das técnicas terapêuticas, a compreensão do que constitui uma evidência de boa qualidade, a identificação e interrupção do uso de terapêuticas nocivas, medidas de resultado objetivas, porque uma modalidade de psicoterapia pode ser considerada empiricamente sustentada em alguns sistemas e não em outros.*”

*Essas divergências, somada à controvérsia concernente à concepção de evidência científica, gera confusão entre psicólogos. Além disso a vagueza do conceito de evidência e aos conflitos na classificação do estatuto científico das psicoterapias, o modelo de PBEP tem sido severamente criticado por ignorar se a teoria subjacente às técnicas terapêuticas sustentadas empiricamente dispõe de evidências ou é, pelo menos, plausível.*



Scientific Electronic Library Online

É possível concluir que o acúmulo de evidências empíricas sobre a eficácia de diferentes terapêuticas é insuficiente”.

(\*) Fonte: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/7kfdXmcqnXkY7gtKnhX5VZS/>

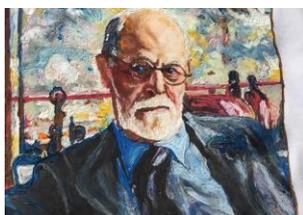
SciELO - Scientific Electronic Library Online – <http://www.scielo.br> – é uma biblioteca virtual de revistas científicas brasileiras em formato eletrônico.

O que nós temos então seguramente são controvérsias, limitações, insuficiência de evidências. Razão que não permite colocar os psicoterapeutas-psicólogos acima de outros profissionais psicoterapeutas, dando a estes a exclusividade da psicoterapia.

Pode-se facilmente questionar: a psicologia é de fato uma ciência confiável se as suas evidências são fracas, ou a psicologia é uma tentativa falaciosa de ser uma ciência crível, ou é uma ciência pela metade? Existe ciência pela metade? Psicologia é pseudociência? Ou é o CAOS na ciência? A precariedade das evidências confiáveis nas pesquisas, e a fraqueza das teorias psicológicas refletem diretamente nos tratamentos psicoterápicos, na prática clínica e nas centenas de psicoterapias existentes, que divergem uma da outra. Quem sofre com isso é a população que precisa recorrer a tratamentos pouco confiáveis. Um fato: cada vez mais os sofrentes buscam os templos e esvaziam os consultórios.

## MODELOS DE PSICOTERAPIAS: LIMITAÇÕES & PRECARIIDADES.

Cordioli & Grevet, Cap.2, 4ª ed., Artmed, em “AS PRINCIPAIS PSICOTERAPIAS”, escrevem sobre os modelos de psicoterapias, seus teóricos/psicoterapeutas e suas muitas limitações, vejamos alguns exemplos:



<b>Modelos de Psicoterapias</b>	<b>Teóricos/Psicoterapeutas controversos</b>	<b>Limitações/críticas /contraindicações</b>
Psicanalítico	Freud, Klein, Bion, Lacan	Baixa efetividade. Pag. 20. Muitas contraindicações são relatadas: depressão maior, fobias, transtornos de humor, de personalidade graves, dependência de drogas, etc. Pag. 30
Terapia Cognitiva (“lógica”, pensamento)	Ellis, Beck	Limitada. Não formam um corpo unificado. Pag.22
Comportamental/Behaviorismo	Pavlov, Watson, Skinner, Jones, Wolpe, Bandura	Limitada, por isso foi conectada à terapia cognitiva, sendo ENTÃO criada a TCC. Pag.33

Terapia Cognitivo-Comportamental, (TCC). Criada porque muitos comportamentalistas achavam que a cognição (pensamento) determinava o comportamento. Pag. 21 Considerada	Ellis, Aaron Beck, Judith Beck	Limitada para psicoses agudas, ansiedade muito elevada, transtornos de personalidade como borderline, histriônico, antissocial, esquizoide. Pag. 36
limitada para a depressão por Beck, criou a TCC. Pag.22		
Existencial/humanista (“terceira onda”)	Rogers, Frankl	Como são limitadas usam conceitos da TCC. Pag. 21
Interpessoal (TIP)	Meyer, Sullivan, Weissman, Klerman	Psicoterapia breve e limitada. Pag. 253. Com evidências incompletas. Contraindicadas p/depressivos psicóticos. Pag. 32
Terapia do Esquema	Young	Precisa de mais estudos sobre eficácia e validação. Baixo nível de adesão. Pag. 197, 201
Mindfulness ou MBCT	Kabat-Zinn	Técnica limitada. Pag. 220
Hipnoterapia		Método restrito a subgrupos de pacientes. Pag. 277. Falta de estudos que comprovem a eficácia. Pag. 279
EMDR (Dessensibilização e reproprocessamento por movimentos oculares)	Shapiro	Número insignificante de estudos. Pag.274. Limitada, sem evidências para eficácia. Pag. 37
Terapia baseada em mentalização.	Fonagy, Bateman	Muito há o que se pesquisar. Não traz nada de novo. Pag. 248.
Psicoterapia de grupo	Pratt	Fragilidade metodológica, sem evidência estatística. Pag.293

O quadro acima é um brevíssimo resumo das críticas feitas aos teóricos e as suas psicoterapias citadas por Cordioli & Grevet, que mostram as precariedades dos modelos psicoterápicos, sendo que todos eles têm:

- As suas limitações e fragilidades metodológicas.
- Pouca amostragem para efeito comparativo.
- Falta de evidências de eficácia.
- Restrição de aplicação aos transtornos mentais.



Portanto, o suposto “preparo adequado para cuidar da saúde mental”, fica aquém do que a verdade dos fatos requer. Não existe o bem longe da verdade.

Fizemos extensa explanação sobre os teóricos/psicoterapias e suas limitações, ao transcrevermos citações comprometedoras sobre as precariedades da psicologia baseada em “evidência científica”. Usamos os renomados livros de Feist, Campbell, Schultz e Fadim, reconhecidos internacionalmente. Os livros citados são usados há décadas nas faculdades de psicologia, mas ao que parece, o tema não é devidamente debatido, porque muitos psicólogos não enxergam a falácia da chamada “ciência em psicologia”. Motivo pelo qual Cordioli & Grevet falam em “desinformação e desconhecimento”, no prefácio do seu compêndio, 4ª edição, Psicoterapias e Abordagens Atuais:

“...o livro serve como base fundamental de informação atualizada para muitos professores e estudantes, em um campo que ainda **há muita desinformação e desconhecimento.**”

Existem muitas outras psicoterapias, com suas contraindicações, limitações, falácias, citamos algumas:

Biopsicossocial (Engel), Fatores Comuns (Rosenzweig, Frank), Comportamental Dialética (Lineham), Racional-emotiva comportamental (Ellis), Familiar a Casal (Ackerman, Satir, Whitaker, Minuchin), Grupo (Pratt, Adler, Foulkes, Moreno), Terapia da aceitação e compromisso (Steven Hayes), Terapia Metacognitiva (Wells), Terapia focada na Compaixão (Gilbert), Terapia Positiva (Seligman).

A Terapia Cognitivo - Comportamental (TCC) hoje é considerada a mais “científica”, a terapia da moda entre os psicólogos, sendo que a quase totalidade dos livros publicados de TCC foram escritos por psiquiatras.

Vejamos este texto esclarecedor, “SOBRE QUESTÕES EM ABERTO E ÁREAS DE PESQUISA”, do livro Psicoterapias - Abordagens Atuais. Cordioli & Grevet, pág. 184.

“ Críticos caracterizam o modelo comportamental como reducionista e mecanicista, observando que as teorias da aprendizagem são insuficientes para explicar todo o leque de mudanças do comportamento humano. Além disso, apontam que o modelo deixou de lado a memória declarativa e a influência dos processos cognitivos no comportamento e fatores neurobiológicos como a genética e outras diferenças individuais. Por fim, indicam que a TCC isoladamente não considera a importância dos fatores comuns, como a pessoa do terapeuta e a relação terapêutica, nas mudanças.”

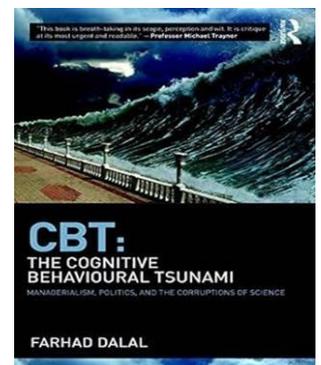
Existem outros livros mais críticos ainda que apontam como todas as psicoterapias, sem exceção, decepcionam em termos de eficácia e verdade. Um exemplo é o livro ***CBT: The Cognitive Behavioural Tsunami***, Dr. Farhad Dalal, ano 2018, 214 páginas.

Síntese do livro pelo editor:

O livro fornece uma crítica poderosa à compreensão da TCC como a aparente base científica subjacente a ela. O livro argumenta que a psicologia da TCC **fetichizou a medição** a tal ponto que passou a acreditar que apenas o contável conta. Sugere que a chamada ciência da TCC não é apenas “ciência ruim”, mas “ciência corrupta”.

O livro não apenas critica a ciência, a psicologia e a filosofia da TCC, e sua compreensão hiper-racional de "eficiência". O livro sugere que estas são utilizadas por para gerar narrativas das proezas da TCC. Afirma que a TCC é um exercício de redução de sintomas que exagera enormemente o grau em que os sintomas são reduzidos, a durabilidade da melhoria, bem como o número de pessoas que ajuda.

Argumentando que a TCC não é a cura nem o tratamento científico que afirma ser, o livro também serve como uma crítica cultural mais ampla dos tempos em que vivemos; uma crítica que se baseia na filosofia e na política, na economia e na psicologia, na sociologia e na história e, em última análise, na própria ideia de ciência. Será de imenso interesse para psicoterapeutas e decisores políticos.



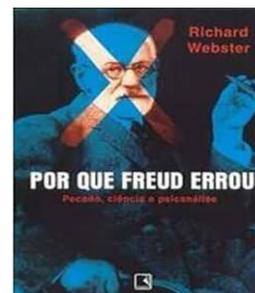
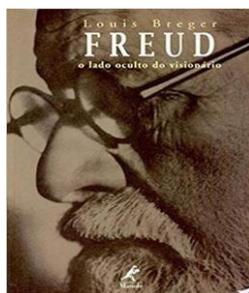
O Dr. Farhad Dalal relata no livro:

1. Diz ser muito preocupante a explícita ausência de uma visão crítica e o baixo nível das evidências usadas para a promoção da TCC.
2. *O fato é que a TCC descreve sobre si própria é uma narrativa que se disfarça como sendo científica.*
3. Dalal assume a postura de que o apoio à TCC é amplificado por generalizações, distorções, e mentiras (‘fake news’), tudo isso enraizado na objetivação da subjetividade. A pesquisa é restrita e os resultados são impulsionados pelo desejo dos pesquisadores, e não pela realidade clínica propriamente dita.
4. Dalal conclui que a TCC em si é uma ilusão, reforçada e sustentada por crenças. *“A ilusão cognitivista é exatamente isso: a ilusão de que os seres humanos modernos são essencialmente seres cognitivos, de tomada de decisão racional”.*

Fonte: <https://www.amazon.com.br/CBT-Cognitive-Behavioural-Managerialism-Corruptions-ebook/dp/B07HPDJ52S>

Existem muitos outros livros que mostram a precariedade do pensamento dos teóricos da personalidade. Sobre Freud citamos dois:

“O primeiro livro, **Freud – o Lado Oculto do Visionário**, de Louis Breger. O autor mostra como Freud obscureceu a verdade sobre a sua própria vida para criar de si uma imagem heroica, baseadas em fantasias, suas visões distorcidas, sua forma autoritária de conduzir tratamentos, suas contradições, seu apego a dogmas.” Nota do editor.



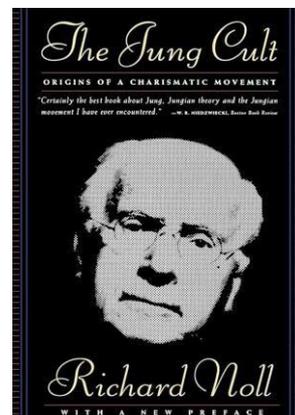
“O segundo livro, **Por Que Freud Errou**, de Richard Webster, mostra que a teoria de Freud não tem embasamento científico, tem erros de diagnóstico, como ele se curvou a curandeiros, como ele se comportava como fundador de uma grande fé, sua teorias sobre sexualidade em essência não eram científicas, mas religiosas, são questionadas as formulações de Freud, sua busca pessoal por fama. Freud torcia os fatos para caberem em suas hipóteses e responsabilizava os outros pelos fracassos.” Nota do editor.

Sobre Carl Jung, também temos diversos livros que o criticam. Um deles é **O Culto a Jung**, de Richard Noll.

“A crítica de Richard Noll, que por duas vezes publicou trabalhos examinando a ambivalência do caráter de Jung em sua opinião, foi a mais acerba dos conluíus de Jung com o regime nazista. Richard Noll, oferece seus argumentos desde *Le Culte de Jung* (*O culto de Jung*) que foi publicado em 1994 e *Le Christ aryen* (*O Cristo Ariano*) data de 1997.”

Nota do editor.

Fonte: [https://pt.frwiki.wiki/wiki/Richard\\_Noll](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Richard_Noll)



O livro: **Por que Skinner Errou?** Apresenta um argumento simples e forte contra a filosofia crítica de Skinner à Psicologia. Na impossibilidade de inferir o sentido subjetivo de uma análise do comportamento, ela se torna vaga, alusiva, imprecisa, enganosa e inoperante no controle comportamental. Esse é o resultado polêmico e convincente que Daniel Grandinetti apresenta nesta obra instigante.”  
Nota do editor.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Por-Que-Skinner-Errou-Behaviorismo-ebook/dp/B00NO1OH3I>

Muitos livros sobre críticas aos fundadores de teorias psicológicas foram editados e raramente são debatidos nos cursos de Psicologia e divulgados no site do Conselho Federal de Psicologia que deveria também zelar pela formação do psicólogo. Ao que parece, existe uma tendência evidente em ocultar aquilo que contraria o sectarismo dos professores e a idolatria aos pais da Psicologia, dessa forma emerge o ciclo vicioso, a maioria dos professores permanecem quase cegos, ou enxergando só aquilo que a ideologia deles permite ver. Uma espécie de culto, de doutrina à pseudociência. De fato, é preciso ter muita fé nas teorias dos fundadores da psicologia.

Os próprios professores nas faculdades, na sua maioria, não se dão ao trabalho de pesquisar e debater sobre as bases das psicoterapias, o que existe por detrás delas. É fácil entender. Muitos vivem sob o domínio do império das teorias psicológicas (Campbell) e perderam a capacidade de buscar a verdade.

Centenas de artigos sobre críticas aos teóricos da psicologia e às pesquisas em psicoterapia são encontrados na internet, em revistas importantes e nos livros.

**Onde estão os professores das faculdades incentivando os alunos a terem um visão crítica, já que estamos falando de saúde mental???**

Quem sofre com isso é a saúde da população, que não encontra os resultados devidos para o tratamento dos seus transtornos.

Cordioli & Grevet, cap. 9, relatam em as “Evidências em Psicoterapia” sobre as muitas psicoterapias e suas limitações e fragilidades das pesquisas:

pag.135. “*Hoje, há um número crescente de intervenções psicoterápicas, bem como uma série de subdivisões técnicas e teóricas dentro das formas clássicas de psicoterapia. O montante de literatura sobre o assunto, bem como a escassez paradoxal de boas evidências, dificulta responder a pergunta: qual a melhor técnica de psicoterapia para cada transtorno mental?”*

pag.138. “*O fato de as medidas empregadas serem diversas e frequentemente pouco confiáveis, com validade questionável, representa uma limitação importante.*”

pag.138. “*O uso de amostras pequenas e pouco representativas, a não especificação da teoria subjacente à pesquisa, a ausência de grupo de controle ou comparativos e a pouca consideração do contexto interpessoal (com ênfase nas atitudes do terapeuta).*”

pag.139. “*Outros fatores também contribuem para tornar os achados das pesquisas em psicoterapia sujeitos a equívocos de interpretação, como a variabilidade do comportamento, do pensamento e das emoções humanas, além do fato de os pacientes poderem ser afetados por*

*diferentes fatores, que não a psicoterapia, durante os estudos – podendo, assim, haver várias explicações alternativas para as melhoras aparentemente propiciadas pelo trabalho psicoterápico”.*

Diante de tantas limitações importantes como abordagens psicoterapêuticas inconsistentes, pesquisas pouco confiáveis, teóricos e teorias suspeitos, escassez de evidências, ainda para agravar a situação daqueles que defendem a regulamentação da psicoterapia aos psicólogos, por terem FÉ em “evidências científicas”, tem o problema da confiabilidade e a aplicabilidade das psicoterapias no dia a dia na clínica, nos transtornos mentais relatados por Cordioli & Grevet.

Vamos a alguns exemplos:



<b>Transtornos Mentais</b>	<b>Aplicações das Psicoterapias e as críticas/limitações dos Métodos de Tratamento.</b>
Transtornos de Personalidade (TP).	Separação <b>artificial</b> de patologias, comorbidades <b>falsas</b> . Críticas ao DM – 5 e CID-10 (manuais oficiais de saúde mental), que entre outros problemas, descrevem os TP de modo <b>objetivo</b> , e não a <b>subjetividade</b> do sofrimento da pessoa. Pag. 714 Pouco números de casos de estudos, poucas pesquisas. Pag.727 Superposição de critérios diagnósticos e classificatórios, <b>controvérsias</b> em relação ao DSM - 5 e CID - 10. Pag.713, 727
Bipolaridade.	TCC tem pouca eficácia. Pag. 535
Depressão.	Pouco ainda se sabe sobre como funciona a TCC. Pag.507
Transtorno de ansiedade generalizada (TAG)	Poucos estudos e limitados, pequeno tamanho amostral, falta de controle adequado. Pag. 598 Literatura escassa, dificuldades de unificar técnicas e aferir resultados. Pag.597/598
Fobias.	Falta de esclarecimento sobre causas dos transtornos. Pag. 582 Resposta limitada à TCC. Pag.552.
Transtorno obsessivo compulsivo (TOC).	Muitas questões continuam em aberto. Pag. 634
Uso de substâncias (nicotina, drogas, álcool).	Falta de estudos, problemas com os métodos. Pag. 469
Transtorno do jogo.	Número insuficiente de estudos. Pag. 482.
Transtornos psicóticos.	Problemas para avaliar os potenciais terapêuticos das intervenções. Pag.455
Transtornos alimentares.	Falta de evidências mais consistentes, precisas, efetivas. Pag. 664
Transtorno de estresse.	Pouca confiabilidade das comparações entre tratamentos. Pag. 616
Transtornos somáticos.	Ações das psicoterapias não totalmente esclarecidas. Pag. 710

Disfunções sexuais.	Escassez de dados dos resultados. Grande lacuna de estudos para comprovar a eficácia das psicoterapias. Pag. 693
Demências.	Limitações de métodos, dificuldade de reprodução e detalhamento das técnicas. Pag. 438
Dependência da internet.	Falta de estudos para a maior clareza da eficácia terapêutica. Pag. 492
TDAH - Transtorno de atenção/hiperatividade.	Ainda há necessidade de estudos que validem os protocolos de tratamento e desenvolver abordagens mais efetivas. Pag. 425

Observa-se pelas críticas citadas que as psicoterapias têm muitas limitações, questões em aberto. Sabe-se que muitos tratamentos de saúde mental funcionam na base de tentativas, os clientes são verdadeiras cobaias e é preciso muita fé deles. Portanto, essa atitude dos pesquisadores e psicoterapeutas acadêmicos, está bem longe do que seria um comportamento ético, justo, transparente.

Cordioli & Grevet, relatam em todo o seu livro as questões em aberto e a eficácia das psicoterapias.

Pag. 94. *“Deve-se destacar o fato de que, na maioria dos transtornos mentais, suas verdadeiras causas ainda são desconhecidas.”*

*“A questão também se torna complexa porque, frequentemente, surgem novas modalidades de terapia, e muitas estão longe de terem seus alcances e limites definidos.”*

## AS NEUROIMAGENS E AS PSICOTERAPIAS.

Vimos a fragilidade das teorias psicológicas e das evidências sobre a cientificidade das psicoterapias.

Agora veremos que o uso da tomografia computadorizada para se obter evidências concretas com imagens do cérebro, as neuroimagens, não confirma de modo objetivo e confiável a eficácia das psicoterapias.



Imagens do cérebro

A neurociência estuda o sistema nervoso, formado pelo cérebro, medula espinhal e nervos periféricos, e as ligações dele com toda a fisiologia do corpo humano. O objetivo dos neurocientistas é decifrar os comandos e as funções do cérebro, além das alterações que o órgão sofre e também encontrar as causas das doenças cerebrais e transtornos mentais.

Cordioli & Grevet, Psicoterapias, Abordagens Atuais, cap. 3, pag. 60 - 61, sobre a neurociência, relatam:

*“Em um nível empírico (\*), revisamos a literatura de neuroimagem para buscar evidência de modificação no cérebro após a psicoterapia. As variações metodológicas entre os estudos e o pequeno tamanho amostral nos impedem de tecer conclusões maiores acerca das evidências funcionais da ação das psicoterapias.”*

*“A qualidade da evidência por neuroimagens é prejudicada porque não há padronização durante as tarefas executadas durante o exame, as amostras são pequenas, o que dificulta a extrapolação dos resultados, não é possível comparar resultados, pois os tipos de psicoterapias e as técnicas de neuroimagens são diferentes, não são usados grupo-controle sob farmacoterapia, para comparar com o grupo que foi submetido somente à psicoterapia”.*

(\*) **empírico** = baseado na experiência e na observação.

Cordioli & Grevet, escrevem sobre a neurociência:

*“A qualidade da evidência por neuroimagens é prejudicada porque não há padronização durante as tarefas executadas durante o exame, as amostras são pequenas, o que dificulta a extrapolação dos resultados, não é possível comparar resultados, pois os tipos de psicoterapias e as técnicas de neuroimagens são diferentes, não são usados grupo-controle sob farmacoterapia, para comparar com o grupo que foi submetido somente à psicoterapia”.*

Cordioli & Grevet, Psicoterapias, Abordagens Atuais, cap. 3, pag. 60 – 61

Sobre porque os estudos de varredura cerebral não serem confiáveis, veja aqui a síntese de artigo publicado da renomada revista **Mad in Brasil**:

*“Psicólogos estão cientes das limitações sobre o uso de imagens cerebrais por serem inconsistentes. Toda essa área é uma confusão de pesquisas altamente duvidosas onde aparece centenas de estudos ruins. Muitos dos estudos não relatavam detalhes*

Mad in Brasil  
CIÊNCIA, PSIQUIATRIA E JUSTIÇA SOCIAL

metodológicos críticos sobre o desenho experimental, aquisição de dados ou análise, e muitos estudos são insuficientes. A neuroimagem pode ser particularmente vulnerável a falsos positivos. A replicação por investigadores independentes é essencial para a confiabilidade da ciência e isso está longe de ser o caso em estudos de imagem. Pode haver manipulação: Se os resultados de um novo experimento não concordam com estudos anteriores, os pesquisadores podem ajustar os parâmetros de análise até que os resultados „corretos“ sejam observados.

Infelizmente, os estudos de varredura do cérebro têm um componente psicológico. As pessoas são mais propensas a acreditar no que não entendem, o que significa que quanto mais o resultado estiver embutido em estatísticas ininteligíveis, mas aparentemente avançadas, mais provável será que os leitores acreditem. Os pesquisadores cunharam o termo “fascínio sedutor das explicações da neurociência”, que é um fenômeno real. Vários estudos mostraram que as pessoas confiam mais em estudos com linguagem e gráficos da neurociência, especialmente se houver imagens cerebrais.”

<https://madinbrasil.org/2023/06/manual-de-psiquiatria-critica-capitulo-3-os-disturbios-psiquiaticos-sao-detectaveis-em-uma-varredura-cerebral/>

Como se vê, as evidências objetivas mostradas pela neurociência, concluem que a psicoterapia está longe de propor uma certeza científica.

Conclui-se que não pode haver primazia onde não há ciência plenamente comprovada. Os defensores da Psicologia “científica” precisam levar em consideração que as “evidências científicas”, mesmo aquelas que seriam mais objetivas como as neuroimagens, próximo de uma ciência exata, estão longe de merecerem créditos suficientes a ponto de colocar os psicoterapeutas-psicólogos num patamar superior onde supostamente estariam mais preparados para atender a população.



## **AS INCERTEZAS SOBRE A ETIOLOGIA (CAUSA GENÉTICA) DAS DOENÇAS MENTAIS**

As causas genéticas dos transtornos mentais são praticamente desconhecidas ou muito pouco conhecidas, ou especulativas, fato que dificulta os diagnósticos exatos, portanto, prejudica o prognóstico, que é o juízo antecipado sobre os possíveis tratamentos e o sucesso deles.

Sobre a etiologia genética das doenças mentais tudo o que temos são hipóteses, suposições teóricas.

Já falamos sobre as limitações da neurociência. Um importante artigo publicado da revista científica **SciELO Brasil**, esclarece sobre as precariedades nas pesquisas genéticas, aqui resumidas:



*“Afinal, como se formam os transtornos mentais? Quais são suas principais causas? De que modo a determinação genética produz o funcionamento cerebral anormal? Quais são, efetivamente, os processos cerebrais subjacentes a cada transtorno? Como um determinado funcionamento cerebral produz as experiências subjetivas que entendemos como sintomas? Como tratá-los? Como preveni-los? Tais questões, longe de terem sido respondidas.*

*No que se refere à pesquisa genética, apesar do alto investimento e da elevada esperança de encontrar marcadores biológicos - no caso, os genes que determinariam as doenças - para os transtornos mentais, os resultados são, até o momento, decepcionantes.*

*Os resultados são controversos, não foram confirmados em pesquisas subsequentes, não puderam ser replicados e, portanto, confirmados por novas pesquisas genéticas.*

*As pesquisas são deterministas, reducionistas, simplificações.*

*Há ausência de resultados significativos.*

*Não foi possível identificar genes diretamente associados aos transtornos mentais.*

*Além da dificuldade de verificação da hereditariedade genética, as associações encontradas nos estudos dos fatores ambientais que contribuem para o aparecimento da patologia somam pouco à compreensão dos nexos causais que a determinam. Ou seja, as associações não são suficientes para esclarecer os mecanismos etiopatológicos subjacentes aos transtornos.*

*A despeito dos imensos investimentos e do grande otimismo gerado pelas promessas de determinação biológica dos transtornos mentais no contexto das pesquisas em neurociências, o efetivo entendimento dos processos de formação das doenças permanece limitado.*

*Uma das mais fundamentais apostas dos pesquisadores, a identificação de genes como os primeiros marcadores biológicos dos transtornos, não trouxe os resultados esperados.*

<https://www.scielo.br/j/physis/a/bmZjxdjLrmGWpdHJp6prK7N>

Os psicólogos precisam reconhecer o fato de que é óbvio que aquilo que não é conhecido ou é pouco conhecido, ou é especulativo, como é o caso da etiologia genética dos transtornos psíquicos, não dá garantia de qualidade ou superioridade de “preparo adequado” ao profissional que trata da saúde mental da população.

## **OS CRITÉRIOS DE JULGAMENTO SOBRE AS PESQUISAS PSICOLÓGICAS**

São de extrema importância os **critérios de julgamentos**.

A não realização deles inviabiliza a cientificidade de uma pesquisa.

Ao se analisar os critérios de julgamento (\*) das pesquisas em psicologia e em psicoterapias, citados nos livros especializados, verifica-se facilmente que as chamadas “evidências científicas”, são em grande parte impressões pessoais dos teóricos, promessas deles, e se caracterizam principalmente pela ausência de rigor científico, desprovidas de confiabilidade e validade. Já visto nas Razões anteriores.



(\*) Os critérios de julgamento **são fundamentais para validar a cientificidade de uma teoria**, são eles:

- 1) *Credibilidade*, 2) *Consistência*, 3) *Precisão*, 4) *Objetividade*, 5) *Resultados das pesquisas inflados*, 6) *Discrepâncias entre o mundo da pesquisa e o mundo da clínica*, 7) *Refutabilidade*, 8) *Coerência*, 9) *Clareza*, 10) *Livre de vieses tendenciosos como publicar só os resultados positivos*, 11) *Conflitos de interesses pessoais*.

Os critérios acima foram retirados dos livros sobre teorias da personalidade aqui apresentados. Veja esta citação da Hall & Campbell:

“O fato é que **todas as teorias** do comportamento são teorias **bastantes deficientes e decepcionam em termos de prova científica**. A psicologia tem um longo caminho pela frente antes de poder ser chamada de **ciência exata**. Consequentemente, o psicólogo precisa selecionar a teoria que pretende seguir por **outras razões que não a adequação formal e a evidência fatural**.”

Fonte: Teorias da Personalidade, de Hall, Lindzey e Campbell, Artmed, 2007, 4ª edição, pag. 81

Cordioli & Grevet, pag. 141 e 142 apontam **critérios** para se julgar as evidências nas pesquisas:

1. **Credibilidade**: as pesquisas devem ser viáveis para os pacientes ou pessoas envolvidas.
2. **Consistência**: outros pesquisadores poderão seguir o modelo proposto pelo pesquisador.
3. **Livre de vieses**: a pesquisa deve estar livre de tendências, de ocultamentos de dados.
4. **Precisão**: as pesquisas não devem sofrer interferências.
5. **Objetividade**: as pesquisas não podem sofrer com a subjetividade do pesquisador.
6. **Transferibilidade**: as conclusões das pesquisas podem ser transferíveis para outros contextos.

Cordioli & Grevet, fazem comentários sobre a fuga dos critérios citados por parte dos pesquisadores, o que torna o trabalho deles pouco confiáveis, limitados, distorcidos, tendenciosos, subjetivos, narrativas pessoais. Vejamos alguns desses comentários:

pag. 141. “Uma crítica recorrente à pesquisa (em psicoterapia) é a ausência de rigor científico. Há quem considere pouco mais do que uma coleção de impressões pessoais desprovida de

confiabilidade e validade”.

pag. 146

“O impacto clínico dos tratamentos nem sempre reflete as promessas das pesquisas.”

“As condições ideais geradas podem inflar os efeitos observados das intervenções”.

“Há discrepâncias entre o mundo da pesquisa e o mundo da clínica”.

“Viés de publicação”: o pesquisador é tendencioso, publica achados que favorecem seu ponto de vista, e exclui os achados negativos.

Exigências de critérios formais pelos órgãos financiadores das pesquisas, que limita a liberdade do pesquisador.

Repetições de apresentações nos periódicos científicos para confirmar a “superioridade” dos tratamentos investigados.

pag. 147. Conflitos de interesse, “pois o psicoterapeuta, adepto de determinada corrente teórica, tende a avaliar de modo positivo os resultados de sua própria pesquisa”.

pag. 147. Cegamento (independência): manter o pesquisador e o paciente neutro, livres de avaliações pessoais que interferem nos resultados das pesquisas.

pag. 147. Validade externa dos dados da pesquisa (contexto, cultura): onde a pesquisa foi feita interferem no resultado.

pag. 148. Resistência dos psicoterapeutas: em mudar sua forma de atuação, ou que contradigam seus pressupostos teóricos.

Em todos esses casos, quando não se tem uma visão crítica, se observará um quadro artificial, manipulado, mais favorável ao pesquisador.

Cordioli & Grevet, concluem:

pag 149. “Por fim,.....não há uma avaliação sistemática sobre os benefícios da adoção de diretrizes baseadas em serviços de psicoterapia. ... achados de pesquisa, permanecem não testados do ponto de vista científico.”

pag. 147. “Várias limitações metodológicas, muitas delas inerentes ao método psicoterápico, ainda representam obstáculos na avaliação das diferentes intervenções atualmente disponíveis. Nesse sentido, há grande demanda por inovação na pesquisa em psicoterapia. Cabe ao clínico, em última análise, integrar a melhor evidência disponível aos conhecimentos advindos da prática psicoterápica, com o objetivo último de oferecer a forma de tratamento mais adequada para cada paciente”.

“Cabe ao clínico”, nesse caso pode ser o psicoterapeuta não psicólogo, pois ele tem a sua prática, a sua abordagem psicoterapêutica própria, livre dos vícios, distorções, vieses, das psicoterapias formais dos teóricos, que segundo críticos, podem manipular suas pesquisas nos centros acadêmicos. Então o que se chama de “ciência”, na verdade são ideologias, tentativas de induzir os estudantes de psicologia e também os psicólogos ao império da falácia em psicologia.

No Prefácio do compêndio Psicoterapias - Abordagens Atuais, Cordioli & Grevet, advertem:

“Um dos objetivos desta 4ª edição é possibilitar que o leitor desenvolva uma visão crítica em relação aos diferentes modelos de psicoterapia disponíveis, a fim de que diante do paciente que o procura e à luz dos conhecimentos atuais, possa escolher o método de tratamento mais

apropriado para cada caso”.

Diante de tantas limitações das psicoterapias para os tratamentos e saúde psíquica baseadas em “evidências”, e dos modelos psicoterapêuticos teóricos muito questionáveis, fica muito claro que não podemos deixar que a psicoterapia fique restrita aos psicólogos defensores da Sugestão nº 40/2109, que sustentam suas convicções com supostas verdades, ou meias verdades ou pseudociência, as quais chamam de “evidências científicas”, e que com elas estariam protegendo a saúde mental da população.

Temos que ter um olhar severo, mais crítico sobre estes psicólogos sectários e suas psicoterapias, que tentam de forma vergonhosa uma primazia que não tem sustentação na verdade dos fatos.

Pelas informações levantadas nesse trabalho pode-se considerar que a saúde mental da população está comprometida há décadas na sua base pela falta de qualidade dos tratamentos, a não observância dos critérios de julgamento e a não transparência de informações, as quais deveriam por ética e respeito elementar, serem divulgadas para as pessoas que buscam atendimento psicoterapêutico.

As psicoterapias acadêmicas, supostamente baseadas em “evidências científicas”, deixam sérias dúvidas sobre o “preparado adequado para cuidar de questões relativas à saúde mental”.

Leia mais sobre os critérios de julgamento.

*Feist, cap 1, pag 1-10;*

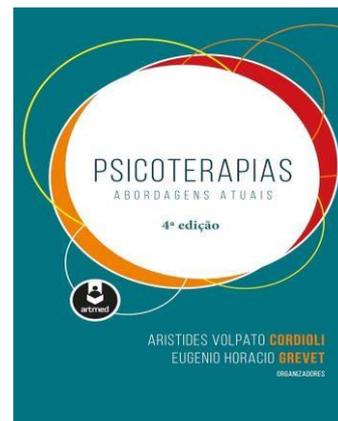
*Campbel, cap.1, pag. 35-38*

*Schultz, cap. 1, pag. 12-36*

## **A LITERATURA CRÍTICA E A TRANSPARÊNCIA SOBRE AS PSICOTERAPIAS.**

Muitos livros têm sido publicados apresentando as falhas graves das teorias psicológicas e das psicoterapias. No entanto, nas faculdades de psicologia não existe uma matéria específica de transparência em saúde mental. (Críticas à Psicologia como Ciência”, por ex.), que aponte as controvérsias sobre os teóricos da psicologia, sobre as psicoterapias que eles criaram e também sobre a neurociência.

Essa falta de conteúdo crítico torna a formação dos psicólogos ideológica, doutrinária e precária. Pelo que já comprovamos e vamos demonstrar, muitos profissionais psicoterapeutas acadêmicos, ao que parece, atuam no mercado e estão desinformados, colocando em risco a saúde da população.



Para ressaltar, duas vezes já comentamos que Cordioli & Grevet, no prefácio da 4ª edição, 2019, autores do compêndio **Psicoterapia, Abordagens Atuais**, Artmed, alertam “sobre um campo em que ainda há muita “desinformação e desconhecimento”, o campo das psicoterapias”. Os autores pedem para os estudantes e profissionais de psicologia desenvolverem uma visão crítica sobre as psicoterapias, seus alcances e limitações:

*“... descrevemos e discutimos as principais psicoterapias, apontando claramente seus alcances e suas limitações...para tanto devemos dar prioridade absoluta às evidências de eficácia e efetividade disponíveis na literatura atual...para que o leitor desenvolva a sua visão crítica.”*

Apesar de acharmos o livro de Cordioli & Grevet um marco na transparência e crítica sobre os saberes em psicoterapias, ainda está distante da verdade plena. Claro, o livro foi escrito por psicoterapeutas atuantes no mercado, e por semelhança, entendemos que os padres não gostam de falar com profundidade sobre os problemas do Vaticano.

O livro de Cordioli & Grevet é citado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) num cadernos de orientações, **“Reflexões e orientações sobre a prática da Psicoterapia”**, Gestão 2020 - 2022, na pág.10 e 66, sobre o que é a psicoterapia.

Fonte: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/caderno\\_reflexoes\\_e\\_orientacoes\\_sobre\\_a\\_pratica\\_de\\_psicoterapia.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/caderno_reflexoes_e_orientacoes_sobre_a_pratica_de_psicoterapia.pdf)

Diferente do compêndio de Cordioli & Grevet, o caderno de orientações do CFP, apesar de querer demonstrar ser aberto a reflexões é, ao que parece, na maioria das vezes, um manual doutrinário, porque em vez de apresentar claramente conteúdos sobre críticas à psicologia fundamentalista e à psicoterapia acadêmica doutrinária, informando sobre as suas precariedades, limita-se a propagar uma psicoterapia feudal voltada mais para o controle ou censura dos psicoterapeutas-psicólogos, apresentando muitos regulamentos (\*) burocráticos, autocráticos, questionáveis e tuteladores, e não, voltada aos interesses da saúde mental da população. O objetivo do CFP é, em geral, manter os psicólogos



presos a regulamentos, muito embora, ao que parece, querem mostrar que são mais orientadores do que censuradores.

(\*) sobre contrato terapeuta-cliente, prontuários, divulgação de serviços, laicidade (a religiosidade), uso de psicoterapia on-line, etc.

O citado caderno de orientações do CFP faz uma ressalva:

*“É importante lembrar que, apesar de termos resoluções (do CFP) que reconheçam e regulamentem essa prática, atualmente a psicoterapia não é de uso exclusivo da psicologia; e não é permitido, por lei, que o Sistema Conselhos de Psicologia legisle sobre a prática exercida por pessoas não psicólogas”.* Pág. 7

Apesar da ressalva, todo o resto do manual é ideológico, contrariando o que o próprio manual cita sobre a conduta dos psicoterapeutas-psicólogos:

*“Ser ético implica ter princípios, tais como: respeito, honestidade, parceria, lealdade, dignidade, entre outros.”* Pag.14

*“Assim, toda a conduta do psicoterapeuta deve ser pautada na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano. Sua prática buscará **promover saúde** e qualidade de vida às pessoas ou grupos atendidos, contribuindo para eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.* Pág. 16

*“Ao longo dos anos, as várias resoluções publicadas pelo CFP têm auxiliado psicólogos psicoterapeutas a exercerem suas atividades de forma ética, prezando pelos princípios fundamentais, que embasam a prática profissional e estão apoiados nos valores constantes da Declaração Universal dos Direitos Humanos”.* Pag. 29

*“O desenvolvimento de qualquer prática profissional deve estar respaldado por um conjunto de critérios científicos capazes de sustentá-la. Além disso, compreende-se que uma prática deve estar embasada não somente pela técnica ou pela teoria, mas pela postura ética adotada pela profissional no exercício da profissão.”* Pag. 30

Onde está a ética se não há a devida crítica e transparência, em relação ao que é transmitido sobre as enormes precariedades da psicologia/psicoterapia, aos alunos nas faculdades e nos regulamentos do CFP e à população?

- Não seria negligência manter a população desinformada sobre a precariedade das teorias psicológicas e das suas psicoterapias?
- Não seria discriminação colocar psicólogos-psicoterapeutas de um lado, e do outro psicoterapeutas médicos ou psicoterapeutas de outras formações?
- Não seria opressão tentar forçar a exclusividade da psicoterapia aos psicólogos?
- Não seria exploração tentar se aproveitar dos saberes e das raízes centenárias da psicoterapia médica/psiquiátrica que não nunca foram vinculadas à psicologia?
- Não seria crueldade querer banir os psicoterapeutas não psicólogos de um campo de trabalho conquistado por eles há séculos?
- Não seria uma ditadura tolher a liberdade do livre exercício dos psicoterapeutas não psicólogos?
- Não seria violência praticar discriminação, opressão, crueldade e tolher a liberdade?

Lembrar, existem vários tipos de violência: a física, a psicológica, a jurídico processual, a discriminatória, a *censuratória* e a autárquica.

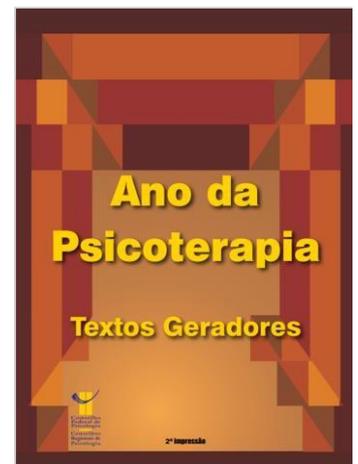
No passado colocavam as “bruxas” (\*) numa fogueira e as queimavam vivas. Hoje as fogueiras são as tentativas de excluir os psicoterapeutas não psicólogos do mercado de trabalho. Os ideólogos dogmáticos precisam se informar mais sobre as críticas às teorias psicológicas e aos tratamentos psicológicos que eles acreditam e se submetem, sem a devida crítica, por conseguinte, prestarem mais atenção sobre os fatores que envolvem a saúde mental, e terem mais preparo para atender a população, que não é informada sobre as limitações das psicoterapias.



**(\*) Caça às bruxas:** foi um movimento de perseguição religiosa, política e social iniciado no século XV, atingindo seu apogeu no século XVIII, na Europa, resultando em milhares de pessoas mortas. O termo “caça às bruxas” hoje é usado para se referir a qualquer atividade que supostamente tem o objetivo de preservar a “verdade”, mas que busca enfraquecer a oposição pelo sectarismo, ideologia, regulamentos e tutela indevida.

## PSICOLOGIA & PSICOTERAPIA, CIÊNCIA OU PSEUDOCIÊNCIA OU O CAOS NA CIÊNCIA?

Vimos nas razões anteriores que é muito difícil sustentar a cientificidade da psicoterapia. Sobre este assunto podemos ler no Caderno de reflexões/orientações do Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Ano da Psicoterapia – Textos Geradores**, Gestão 2008 - 2009 (\*):



*“O problema da cientificidade das psicoterapias é extremamente complexo e exige ampla perspectiva de discussão.” pag. 69*

*“Se, nos EUA, como se sabe, a Psicologia não logrou alcançar a exclusividade no campo da psicoterapia, ironicamente, pode-se notar que a reivindicação de exclusividade, ainda sustentada por certo número de psicólogos no Brasil, paira no ar **sem fundamentos teórico-metodológicos ou exemplos históricos**, além da pretensiosa proposta de reserva de mercado, em que estão ausentes argumentos sólidos que convençam, tendo conquistado o campo às expensas da Medicina, que cedeu-lhe espaço cultural e mercado.” pag. 79*

*“A simplificação e a padronização dos procedimentos, como mostram Neno e Tourinho (2004), permitiram, naquele país, abrir o campo das psicoterapias também para os assistentes sociais enfermeiros e outros. O que não parece ser muito diferente do que pode estar ocorrendo em outros países. Segundo Hanns (2004, p. 9), não apenas na maioria dos estados norte-americanos, mas também na Alemanha, na Inglaterra, na Holanda, a prática da psicoterapia, embora seja geralmente ocupada por psicólogos e psiquiatras, também é franqueada a outros profissionais que há muito a vêm exercendo e desenvolvendo suas próprias abordagens teóricas, como assistentes sociais, pedagogos, psicanalistas de formação leiga e outros”. pag. 80/81*

A busca de reserva de mercado, os interesses corporativistas, os apelos de exclusividade, encastelados em guetos acadêmicos, iniciativas bizarras, sempre guiadas pelo narcisismo de grupos ideológicos, não deixa de ser uma ação de caça às bruxas, até vergonhosa, uma tentativa de “limpeza” para tentar o domínio de uma categoria de profissionais psicoterapeutas que, ao que parece, desconhece minimamente o assunto.

O Caderno do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Ano da Psicoterapia - Textos Geradores, declara:

*“Sustentamos que os estudos epistemológicos na/da Psicologia precisam levar em consideração que precisamos superar o problema europeu da Razão e de sua idealizada pureza (BERLINCK, 1996), que resultou no higienismo, no nazismo e em tantas outras formas de dominação e docilização das massas.”* Pag. 85

Já vimos nas Razões anteriores que não existe nenhuma abordagem psicoterapêutica acadêmica suficientemente científica para garantir a supremacia dos psicoterapeutas-psicólogos. E diante das **centenas de tipos de psicoterapias e sua complexidade** fica ainda mais distante qualquer tentativa de apelo de exclusividade. Veja esta declaração da equipe do CFP, no citado Caderno de reflexões/orientações:

*“Nesse mesmo sentido, reconhecendo a existência de **“mais de quinhentas psicoterapias”** já catalogadas por pesquisadores e, embora entre essas se possa identificar “cerca de vinte abordagens dominantes” (HANNIS, p. 6) o campo ainda é inegavelmente amplo, de modo que nenhuma abordagem atualmente dá conta de sua complexidade (HANNIS, p.11)”* Pág. 86

*“Independentemente da perspectiva teórica do provedor do tratamento, a psicoterapia em geral visa à mudança de padrões de pensamento, emoção ou comportamento. No entanto, as formas pelas quais essas mudanças são promovidas podem diferir sensivelmente. Estima-se que há mais de **400 abordagens** de tratamento (Kazdin, 1994). Muitos terapeutas seguem uma abordagem eclética, usando uma variedade de técnicas que parecem apropriadas para um determinado cliente”.* Pag. 656

**Ciência Psicológica**, de Michael Gazzaniga, Todd Heatherton, Diane Halpern ; 5. ed., Artmed, 2018

Citando o renomado livro de Cordioli & Grevet, *Psicoterapias: abordagens atuais*. 3. ed., Artmed, 2008, o manual do CFP citado reproduz na pag 46:

*“Na atualidade, existem mais de 250 modalidades distintas de psicoterapias, descritas de uma ou de outra forma em mais de 10 mil livros e em milhares de artigos científicos relatando pesquisas realizadas com a finalidade de compreender a natureza do processo psicoterápico e os mecanismos de mudança e de comprovar a sua efetividade, especificando em que condições devem ser usados e para quais pacientes. **Apesar de todo esse esforço, evidências convergentes são escassas. A controvérsia ainda é grande, e O reconhecimento da psicoterapia como ciência é tênue**”.*

Qualquer pessoa que ative o seu **modo crítico**, ou o **modo verdade**, perceberá a fragilidade da psicologia como ciência.

Psicólogos desde 1962, quando a psicologia foi reconhecida, formam psicoterapeutas não psicólogos. Um fato que evidencia que há um reconhecimento cabal sobre a existência de psicoterapeutas que não frequentaram a faculdade de psicologia. Veja esta declaração da equipe do CFP, no citado Caderno de Reflexões/orientações:

*“Pensar a psicoterapia como exclusividade da Psicologia é não se dar conta da realidade que se apresenta em nosso entorno. Há muito tempo, por questões de mercado ou de visões diferentes, muitos psicólogos (pelo Brasil e mundo afora) se constituem como formadores de psicoterapeutas, que na maioria dos casos não são graduados em Psicologia”.* pag. 50

Enquadrar a psicologia e suas psicoterapias como ciência confiável, é uma tarefa praticamente impossível. Exatamente por isso, por entenderem a falácia das “evidências científicas”, os psicoterapeutas não psicólogos são profissionais eminentemente liberais e autônomos e não se incluem, nem dependem de normas, sugestões, resoluções autárquicas e castradoras do Conselho Federal de Psicologia (CFP) ou qualquer outro “Conselho” regulador.

A falta de cientificidade da Psicologia coloca os psicólogos-psicoterapeutas numa posição que não lhes permite reivindicar exclusividade, além de outras dezenas de razões aqui expostas.

## Responsabilidade Ética e Legal do Psicoterapeuta



Alguns psicólogos desinformados alegam que:

*“Estão surgindo cursos livres de terapia, que permitem ao cidadão que não cursou um bacharelado em psicologia, oferecer serviços de psicoterapia. É justamente este profissional que está se valendo da falta da regulamentação para atuar como terapeuta. **O terapeuta com esse perfil não responde nem é fiscalizado por um conselho profissional** como nós, psicólogos. Uma pessoa que se passa por “terapeuta”, mas que não tem graduação na área da saúde mental como os psicólogos, **poderá ficar livre de responder legalmente por intervenções que se mostrarem ineficazes ou inadequadas.**”*

Nem todo psicoterapeuta está vinculado a um conselho profissional regulamentado por lei federal. Profissionais como psicólogos, médicos ou assistentes sociais possuem Conselhos de Classe (CFP, CFM, CFESS) respondem a esses órgãos em caso de falha técnica, ética ou conduta imprópria.

Os psicoterapeutas de formações em cursos livres ou integrativas (psicanalistas, terapeutas holísticos, psicanalistas) não possuem um conselho profissional regulamentado no Brasil. Isso, no entanto, não os isenta de responsabilidade legal. Atos danosos podem ser denunciados na Justiça comum.

## O que isso significa na prática?

Todo psicoterapeuta, com ou sem conselho, pode ser responsabilizado legalmente em caso de:

- Imperícia (falta de preparo técnico),
- Imprudência (ações precipitadas),
- Negligência (omissão de cuidados),
- Violação de sigilo,
- Exercício ilegal da profissão (quando ultrapassa os limites da atuação permitida por lei).

## Legislação aplicável

- Código Civil (arts. 186 e 927): trata da reparação de danos causados por ação ou omissão.
- Código Penal (art. 282): prevê sanções para o exercício ilegal de profissão regulamentada.
- Código de Defesa do Consumidor (CDC): protege o cliente como consumidor do serviço prestado.

Assim, se um psicoterapeuta causar dano a um cliente, poderá ser processado civil ou criminalmente, mesmo sem pertencer a um Conselho de Classe.

## CONCLUSÃO

No Caderno do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Ano da Psicoterapia – Textos Geradores, tem uma importante reflexão sobre “Psicologia Clínica e Ciência”, pag. 28 - 32, 34, 36, 79, aqui resumido o ponto principal:

*“A Psicologia clínica e, em especial, as **psicoterapias**, podem e/ou devem ser definidas como ciências? A nossa resposta direta, é que as psicoterapias não podem e não devem ser definidas como ciência. **Não há, portanto, algo como “a ciência” que possa servir de referência para as psicoterapias.** Há, talvez, uma “visão científica do mundo” que reivindica hegemonia, mas que comporta valores que devem ser amplamente discutidos pela sociedade. A ideia de disciplina científica está, portanto, sob contestação. As psicoterapias não só não podem, mas sobretudo não devem ser concebidas como ciência no sentido hegemônico da racionalidade tecnocientífica. Diante dessa questão inegavelmente pertinente, nossa proposta seria, em princípio, a seguinte: a razão que deve nos orientar na prática psicoterápica não é a razão teórica e científica, mas a razão prática.”*

Em outras palavras: vale mais a vocação do psicoterapeuta, a sua arte, saber conduzir sessões de conversas produtivas, do que uma formação acadêmica precária, já apontada neste trabalho.

Sobre a exclusividade da psicoterapia para os psicólogos, os Textos Geradores do CFP, declaram:

*“Se, nos EUA, como se sabe, a Psicologia não logrou alcançar a exclusividade no campo da psicoterapia, ironicamente, pode-se notar que a reivindicação de exclusividade, ainda sustentada por certo número de psicólogos no Brasil, paira no ar sem fundamentos teórico metodológicos ou exemplos históricos, além da **pretensiosa proposta de reserva de mercado,** em que estão ausentes argumentos sólidos que convençam, tendo conquistado o campo às expensas da*

Medicina. A Psicologia como profissão seria mais filha da Medicina do que gosta de admitir.”

Citando Cordioli & Grevet, *Psicoterapias: abordagens atuais*. 3. ed., Artmed, 2008, o caderno do CFP declara na pag. 46:

**“Apesar de todo esse esforço, evidências convergentes são escassas. A controvérsia ainda é grande, e o reconhecimento da psicoterapia como ciência é tênue”.**

Ao que parece, psicólogos-psicoterapeutas não aceitam que a Psicologia não seja científica exatamente como são as ciências, química, matemática, física, biologia, e tantas outras. A Psicologia é meramente um tipo de saber entre tantos, e a psicoterapia é uma arte (Cordioli) entre tantas.

A psicologia está muito distante de ter o status de ciência crível, restauradora incontestada da saúde mental, porque a subjetividade dos sujeitos estudados é infinita, e a subjetividade dos pesquisadores (teóricos, cientistas) é afetada por muitos fatores, especialmente os critérios de julgamento de cientificidade, que deterioram a validade das pesquisas, inviabilizando qualquer tentativa de colocar a psicologia/psicoterapia num patamar superior a ponto de excluir os psicoterapeutas não psicólogos do mercado de trabalho.

A falta de rigor científico no sentido pleno da palavra e de evidências objetivamente observáveis, incontestáveis, coloca as psicologias e suas teorias e os tratamentos psicoterápicos delas derivados, longe da confiabilidade e validade minimamente aceitável, por isso a psicologia acadêmica não garante a primazia dos psicólogos-psicoterapeutas.

É preciso muita fé para aceitarmos as teorias psicológicas como incontestes já que elas não se sustentam por si próprias e estão profundamente corrompidas, desde os primeiros pais da psicologia, como Freud, Adler, Jung, etc., até as pesquisas controversas mais recentes de Aaron Beck (idealizador da TCC, 1980), que criaram um engodo doutrinário, uma espécie de moda ou “nova onda”, nos centros acadêmicos, o dogma de “psicoterapias baseadas em evidências”. Dessa forma vende-se repetidamente e durante décadas para a sociedade a ideia falsa de que ciência psicológica é sinônimo de verdade, uma panaceia (que cura tudo).

*“Uma mentira contada mil vezes, torna-se uma verdade”.*

Joseph Goebbels, ministro de propaganda nazista.

A população sofrente procura ajuda nos consultórios de psicoterapeutas desorientados e mal formados, acreditando no dogma das “evidências”, não encontra solução e acaba parando nos templos que estão disseminando as psicoterapias espirituais. Nada contra. Apenas é importante dizer que já é tempo dos psicólogos-psicoterapeutas cuidarem da própria casa e não investirem na caça às bruxas.



Dada a extrema importância para a saúde mental da população não é exagero repetir nas próximas páginas o quadro de **termos-chave**, sobre a baixa qualidade das pesquisas em teorias psicológicas e suas psicoterapias derivadas encontradas nos livros citados neste trabalho. Os termos-chave alertam o nosso raciocínio ético ou o modo verdade, para percebermos quanto as teorias psicológicas são frágeis, pouco científicas ou nada científicas e caóticas.

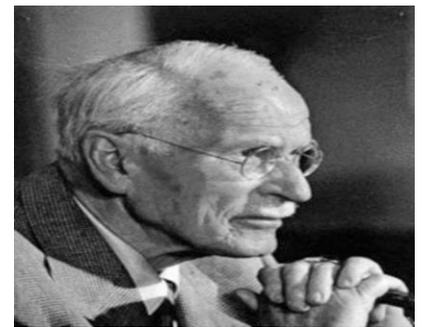
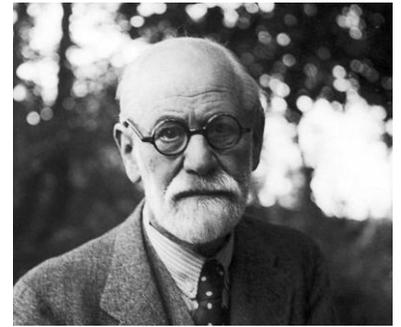
## TERMOS-CHAVE SOBRE AS TEORIAS PSICOLÓGICAS PRECÁRIAS

### Psicologia: Pseudociência ou o Caos na Ciência?

- Teorias bastante deficientes
- distorcem e representam mal a realidade
- poucas diretrizes claras
- pesquisa não foi inteiramente satisfatória
- servem para ocultar e esconder
- nenhuma delas (teorias) atinge um padrão muito bom
- ele (teórico) decidiu negligenciar
- tantas contradições
- pesquisadores anti-intelectuais
- não são raras as deficiências em metodologias
- sua teoria não era nenhuma teoria
- teoria simplista e elementar demais
- teoria pura especulação filosófica
- inadequação formal da teoria
- teoria falha como gerador de pesquisa
- ignora aspectos humanos da personalidade
- desprezaram a originalidade (teorias que copiam outras)
- escritos complicados e estranhos
- teorias que carecem de clareza
- definições de conceitos ambíguas
- falta geral de precisão
- descrições incompletas
- linguagem é estranha e vaga
- não explicou conceitos importantes
- conceitos contraditórios
- escritos complicados e estranhos
- estilo desconcertante, obscuro, confuso e desorganizado
- nota baixa em coerência interna
- teórico incoerente e não sistemático
- classificação baixa em praticidade
- baixa classificação em parcimônia (simplicidade)
- difícil de classificar
- classificação baixa quanto a ser um guia para a ação
- como teoria útil, escore muito baixo
- carece de definições operacionais
- a maioria dos teóricos não definiu seus termos de modo operacional
- falta de definições operacionais precisas

Ψ

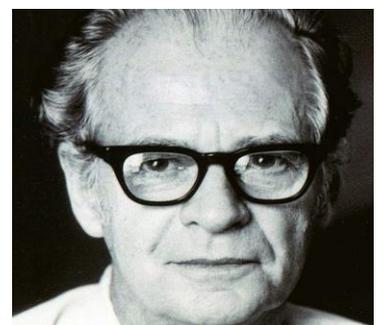
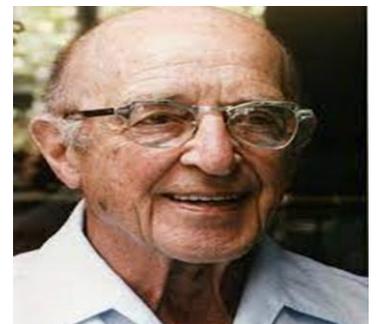
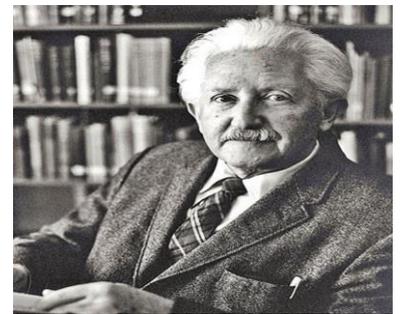
CAOS



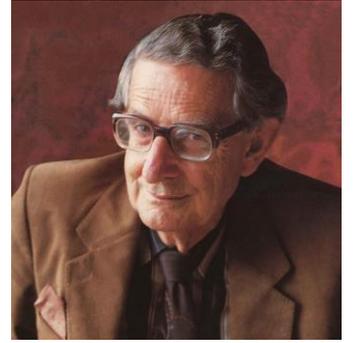
- *teoria difícil de testar empiricamente*
- *fontes míticas em vez de em investigações experimentais.*
- *faltam dados empíricos*
- *pouco respeitoso em relação à técnica experimental*
- *fundamentos empíricos vacilantes*
- *dados não podem ser verificados*
- *não podem ser refutados*
- *teoria muito filosófica para ser refutável ou verificável.*
- *teoria quase impossível de verificar ou refutar*
- *refutabilidade baixa*
- *carecem de verificabilidade e refutação*
- *não se presta a refutações*
- *não se baseia em observação objetiva*
- *teoria reconhecidamente subjetiva*
- *carece de pesquisas atuais*
- *insuficiente*
- *pouco dados de pesquisa*
- *falta de dados de apoio*
- *amostras eram pequenas demais*
- *amostras não são suficientes*
- *amostra não representativa*
- *poucas informações específicas*
- *teoria continha lacunas e perguntas não respondidas*
- *deixa perguntas sem respostas*
- *argumentos insustentáveis e não científicos*
- *não possuem definição científica*
- *modelo abstrato mais filosófico do que científico*
- *escassez de investigações científicas*
- *decepcionam em termos de prova científica*
- *não foi validada cientificamente*
- *descartada como não-científica*
- *na verdade, ela é anticientífica*
- *não são válidos como evidência científica*
- *válida mais a partir de fontes filosóficas do que científicas*
- *pouca utilidade científica*
- *pesquisador não era científico*
- *psicologia científica? Muito pouca*
- *escassez de investigações científicas*
- *teóricos moralistas e não cientistas*
- *pressupostos não possuem definição científica*

Ψ

CAOS



- *se apoia mais na fé do que em evidências empíricas (experimentais)*
- *séria confusão no processo de derivar declarações empíricas*
- *graves falhas nos procedimentos empíricos*
- *muita desinformação e desconhecimento*
- *estatísticas ininteligíveis*
- *modelo reducionista*
- *pesquisas genéticas decepcionantes*
- *critérios de cientificidade fracos*
- *discrepâncias entre pesquisa e clínica*
- *falta de visão crítica*
- *resistências dos psicoterapeutas*
- *imperialismo teórico*
- *neuromagens precárias*
- *muita generalização*
- *avaliações, diagnósticos, testes psicológicos controversos*
- *enormidade de controvérsias*
- *erros fraudulentos*
- *viés de publicação para achados positivos*
- *teorias inconciliáveis*



Ψ

CAOS

Trabalho desenvolvido por:

Flávio Roberto Pereira  
Psicólogo Clínico,  
CRP 08/5327

Envie suas sugestões e críticas para

flaviopereira@psicologia10  
.com.br WhatsApp (41)  
98525-1140  
Curitiba - PR

